

**FLÁVIO MARCUS DA SILVA**

**LABAREDAS NA ESCURIDÃO**

**CONTOS**

**Pará de Minas - 2011**

**1 – Quatro**

**2 - É por isso que estou aqui**

**3 - O mistério da caixa-preta**

**4 - O mistério da caixa-preta – Parte II**

**5 – Despido**

**6 - Pôr do sol no campo**

**7 – Partir**

**8 - Lição de Abismo**

**9 - Flores brancas na noite escura da alma**

**10 - Goiabas bichadas**

**11 - Café com ingleses**

**12 - Labaredas na Escuridão**

**13 - Na voz de Amália**

**14 - Muito esquisito**

**15 - O soar da Trombeta**

**16- Comadre seca**

**17 - Que ninguém se ofenda: pode acontecer com qualquer um**

**18 - Pedro, meu filho**

## 1 - Quatro

A jovem dona de casa acorda todos os dias às seis da manhã, abre a janela do quarto e respira fundo quatro vezes o vento fresco que, àquela hora, mesmo no inverno, sopra silencioso e calmo sobre as casas do bairro, trazendo consigo o cheiro agradável do cerrado selvagem que cerca toda a região.

Da janela, ela vai direto ao banheiro, contando suas passadas de forma a alcançar a bancada de granito exatamente no quarto passo.

Vencida essa etapa, ela começa a escovar os dentes, contando os movimentos da escova de cima pra baixo, de baixo pra cima, para os lados, pra trás e pra frente, bem devagar, terminando a escovação somente quando conclui quatro séries de quarenta e quatro movimentos cada uma (nem mais, nem menos). Depois, quatro bochechos com água; quatro movimentos com a mão direita em quatro partes do rosto, limpando a pele com um chumaço de algodão embebido em um produto importado, caríssimo; quatro séries de quarenta e quatro exercícios para os músculos da face, para prevenir rugas precoces; quatro séries de quatorze contrações musculares na bunda, para mantê-la durinha e atraente; quatro escovadas no cabelo (em quatro lugares diferentes do couro cabeludo); quatro sorrisos encantadores olhando para o espelho, para aumentar a auto-estima; quatro movimentos cuidadosos com o papel higiênico (dobrado quatro vezes) no cu, para limpá-lo, depois das necessidades feitas... Quatro isso, quatro aquilo...

E ela está agora na cozinha, preparando o seu café, enquanto o marido se arruma para o trabalho.

Como está sempre de dieta, ela só usa adoçante: quatro gotas para o café e quatro para a coalhada. Na xícara, quatro giros da colher para um lado e quatro para o outro. Quatro mini-torradas, quatro pequenos pedaços de melão, e está terminado o desjejum.

Em seguida, ela abre a geladeira e confere se todos os alimentos estão organizados em grupos de quatro. Na parte dos ovos, é preciso sempre deixar um espaço vazio entre cada quarteto: não pode ser diferente (se sobrar ou faltar ovos, ela resolve o problema eliminando os que precisam ser eliminados). Se há só três maçãs, ela coloca uma pêra junto, para formar um grupo de quatro. Se um produto fica isolado e não há como agrupá-lo (por

exemplo: um iogurte pode entrar no grupo da coalhada, mas não no da cenoura), ela o joga no lixo.

O lixo representa para ela o espaço da desordem, da incoerência, do desvario. As emanções que dali saem têm para ela um significado aterrador: representam o desarranjo da vida: a indisciplina e o desalinho da maioria da população, em completa desarmonia com as forças que ordenam os quatro elementos da natureza: terra, fogo, ar e água. O lixo é o que sobra do seu trabalho de limpeza e organização: é o que escapa à simetria de sua existência metódica e regular, devendo ser eliminado todos os dias às quatro da madrugada. Ela se levanta às 3:55, posiciona-se em frente ao saco cheio de detritos e diz, baixinho, a palavra FORA quatro vezes. Depois, carrega o saco até a rua, contando os passos em séries de quatro (com uma pausa de quatro segundos entre elas), e deixa-o no passeio. Porém, antes de voltar a dormir, ela lava as mãos com sabão, esfregando-as quarenta e quatro vezes, para se purificar.

O marido finge que respeita as regras da mulher, para não enfurecê-la e tornar impossível o convívio entre eles. Mas como ele trabalha o dia inteiro (e quando chega em casa à noite fica até tarde no escritório adiantando o serviço para o dia seguinte ou assistindo a vídeos pornográficos), os poucos momentos de contato com a mulher (quando ele tem que se mostrar obediente às suas diretivas) não o incomodam. De quinze em quinze dias, quando se entregam a um rápido intercuro sexual, ele até se diverte com o padrão que ela se obriga a seguir: para cada quatro gemidos, um gritinho (“ai”, “ui”), devendo o número total de gritos ser sempre múltiplo de quatro. Para ele, a única regra é respeitar o padrão de séries rápidas de quatro estocadas, com intervalos de quatro segundos entre elas.

Mas quando ele está só, em casa ou no trabalho, as normas impostas pela mulher são terminantemente desobedecidas.

Uma noite ela o espia pela janela do escritório e descobre que, enquanto assiste a vídeos pornô na frente do computador, ele se masturba com dois dedos, e não com quatro, como ela o ensinou.

E não é só isso. Atenta a todos os movimentos do marido (que ela passa a observar escondida), descobre inúmeras outras faltas imperdoáveis, no banheiro, na cozinha, na saída para o trabalho...

Decide, então, realizar um ritual de limpeza dos mais importantes:

No dia do seu aniversário de quatro anos de casamento (numa providencial quarta-feira, dia de Mercúrio), ela termina sua relação com o marido definitivamente dando-lhe quatro tiros no peito, exatamente às quatro da madrugada. Leva o corpo até o banheiro, onde, com um cutelo, pica-o em 44 pedaços; divide tudo em quatro sacos de lixo, que ela deixa serenamente no passeio, com a agradável sensação de missão cumprida. Fecha os olhos e levanta os braços quatro vezes, dando boas vindas ao sol que se ergue por trás dos jatobás, pequis e ipês, trazendo, com seu brilho e calor, a esperança de uma nova vida.

## 2 - É por isso que estou aqui

Foi num domingo nublado e frio, no sítio do meu pai, que tudo explodiu.

A família estava reunida para o almoço. Minhas duas irmãs conversavam com seus maridos na varanda, ouvindo ao fundo um concerto de Mozart. Tomavam cerveja e comiam rodelas de salaminho com limão, enquanto meu pai cuidava do jardim e minha mãe coordenava os trabalhos na cozinha.

O Rui, casado com a Alice, minha irmã mais nova, é professor de Química e tem 35 anos. Já o Damásio (marido da Lúcia, a mais velha) é senador: 48 anos, extremamente arrogante e violento, mas com um atrativo que, para a minha irmã, faz valer a pena até os pescoções que ela ganha dele de vez em quando, bem como as amantes que ele carrega para todo lado: um patrimônio de mais de 100 milhões de dólares – o que contrasta cruelmente com a situação do meu outro cunhado, o professor, que há dez anos paga (a duras penas) o financiamento de uma casa na Caixa Econômica Federal, equilibrando o orçamento familiar sem a ajuda de ninguém, pois a Alice, como eu, é depressiva, tem síndrome do pânico e não trabalha (nem em casa).

Alice e Rui têm uma filha de sete anos, a Carolina, uma criança linda, mas triste e abatida, sem entusiasmo para a vida. Quando eu lhe dou um chocolate, por exemplo, ela sorri como se os músculos da sua face obedecessem a um estímulo meramente mecânico: como se um homem invisível lhe puxasse os lábios com duas ou três cordinhas, e depois movimentasse, com outras oito ou nove, seus bracinhos frágeis, na encenação de um abraço.

Já a Ludmila, de oito anos, filha do senador, é de dar medo: má até não poder mais (se é que eu posso dizer isso de uma criança de oito anos). Uma vez, no sítio, ela pegou os três canários que o meu pai mais gostava (eles viviam soltos, indo à gaiola só para se alimentarem) e colocou-os vivos no congelador, deixando-os lá a noite inteira. De manhã, ela retirou os pobrezinhos (convertidos em pedra), embrulhou-os num papel de presente, com fita e tudo, e entregou ao meu pai, que quase teve um colapso (mas logo apareceu minha mãe, que controlou a situação e abafou o caso). É uma menina mentirosa, mas não como a maioria das crianças. Suas mentiras são caluniosas, venenosas, minuciosamente arquitetadas, cheias de detalhes, e encenadas com perfeição: uma excelente atriz, não há a menor dúvida.

Desde muito pequenas, as duas primas estão quase sempre juntas. Alice faz questão que a sua filha frequente a casa do senador e participe da vida de Ludmila. Esta, por sua vez, já deixou claro para todos nós, várias vezes (quase sempre aos gritos, na hora do almoço, com toda a família reunida), que ela odeia a Carolina. O senador e sua esposa, incapazes de perceber a crueldade por trás daqueles olhos infantis, paparicavam a menina, dizendo: “O que é isso, filhinha... Não diga uma coisa dessas. Ela é sua prima”. Ao que a filhinha respondia: “Ela não é minha prima, não pode ser. Ela é feia, magrela e burra; não sabe brincar com as coisas que eu gosto, do jeito que eu gosto. Ela não tem nenhum brinquedo legal, não sabe jogar os meus jogos, e as roupas dela são feias. Eu odeio, odeio, ODEIO essa menina”. A Carolina ouvia tudo, sem dizer nada. E seus pais, mergulhados num silêncio constrangedor, demonstravam indiferença, como se aquilo fosse algo normal. E eu, dopado com meus remédios para depressão e ansiedade, ficava lá, bebendo meu vinho, também sem dizer nada.

Mas hoje, pensando nisso, eu vejo que aquela situação me preocupava, pois no dia seguinte a uma dessas cenas, eu comecei a prestar mais atenção nas minhas sobrinhas, interessado em descobrir se o que eu supunha ser uma espécie de tortura psicológica sofrida pela Carolina tinha alguma coisa a ver com o seu estado patológico de tristeza e melancolia.

Na entrada da escola, por volta de treze horas, o motorista do senador parava o carro suavemente, bem em frente ao portão, e do banco de trás saltava a Ludmila, quase sempre emburrada, seguida pela prima, que ia de carona com eles todos os dias. A bruxinha batia a porta do carro com força na cara da prima, sem esperá-la descer, como se não tivesse ninguém lá. Essa cena eu assisti por três vezes consecutivas, e conversando com o porteiro da escola, descobri que isso acontecia todos os dias.

As duas estudam na mesma sala, mas a Ludmila finge que nem conhece a prima, isolando-a das outras crianças. Quem me contou isso foi uma mãe, que uma vez levantou o problema em uma reunião de pais, sem citar nomes, e foi severamente contestada pela professora.

Passei também a observá-las nos finais de semana, no sítio, quando, por falta de opção, a Ludmila aceitava brincar com a Carolina, e ouvi algumas frases ditas quase ao pé do ouvido que me incomodaram profundamente, como: “Você parece uma porca”; “Quem faz o seu cabelo? Que coisa horrorosa!”; “Você fede”; “Eu não quero que você vá à minha festa de aniversário”; “Você

é muito burra, sabia?"; "O seu pai e a sua mãe são pobres e vagabundos. Quem disse isso foi o meu pai, que é senador e ganha muito dinheiro"; "Você só tem esse vestido?"; "Eu tenho muito mais brinquedos do que você"; "Rapidinho você vai ter que ir para uma escola de crianças pobres, sujas e fedorentas, que nem você"; "Quando a gente crescer, eu vou deixar você trabalhar de empregada na minha casa, e é você que vai limpar toda a sujeira que os meus cachorros fizerem".

Tudo isso me perturbou muito, mas como eu vivia dopado, não consegui pensar numa estratégia de ação para salvar a Carolina das garras daquela menina malvada.

Foi só naquele domingo, no sítio, depois de cinco dias sem tomar os meus remédios, que tudo explodiu.

As duas primas brincavam embaixo de um enorme pé de pequi, afastado um pouco da casa, e eu fui até lá para investigar. A Carolina estava de quatro. Seu corpo tremia, como se levasse choques elétricos a cada dois segundos, e de seus olhos escorriam lágrimas em profusão, de medo e angústia. A Ludmila segurava uma vara bem fina e comprida, como um chicote, que ela passava suavemente nas pernas e nádegas da prima, gesticulando e falando alto. Cheguei mais perto, tomando o cuidado para que elas não me vissem, e ouvi a Ludmila dizer: "Você não foi uma boa escrava e vai receber agora o seu castigo".

Não aguentei. Corri até lá, arranquei a vara das mãos daquele projeto de feitor de senzala e, tomado de uma fúria incontrolável, segurei a menina pelo braço, abaixei suas calças e sapequei-lhe a bunda com cinco varadas bem dadas, marcando-a com vergões enormes e profundos. Ela gritava como uma louca, com os olhos pregados em mim, aterrorizada: "Não, não, não..."; e eu gritava de volta, com os dentes serrados (minha boca espumava): "Você não pode fazer isso com a sua prima, não pode, não pode...".

Quando eu terminei a surra, a Carolina já tinha se levantado e corrido até a casa.

Imediatamente apareceu a família toda, cercada por um bando de puxa-sacos, que tinham vindo bajular o senador, como de costume. Dentre eles havia um promotor e um sargento da polícia...

É por isso que estou aqui, nesta prisão, cumprindo o terceiro mês da minha pena por tortura e desacato à autoridade (na verdade, quebrei o nariz do promotor).

Voltei a tomar meus remédios...

E tenho lido muito Dostoievski.

### 3 - O mistério da caixa-preta

Fui conduzido por um jovem militar fardado até uma sala onde duas cadeiras e uma mesa constituíam todo o mobiliário, e fui apresentado a um outro militar, mais velho, talvez com pouco mais de quarenta anos [embora seu olhar cansado e seus cabelos grisalhos lhe dessem um ar de sexagenário viúvo e deprimido].

Quando entrei na sala, o militar de meia idade se encontrava sentado numa das cadeiras, com as mãos em cima da mesa, folheando alguns papéis, e, ao me ver, fez um gesto quase imperceptível com a cabeça, indicando-me a outra cadeira.

O militar mais jovem fez uma continência e foi embora, fechando a porta atrás de si.

Senti que algo muito sério e misterioso pairava no ar, pois ao me sentar, o militar me fez ler e assinar um termo de sigilo e confidencialidade, deixando claro para mim que o vazamento de informações sobre aquele caso complicaria muito a minha vida. Não questionei nada, pois naquele momento a curiosidade já tomava conta do meu espírito, fustigando-o, empurrando-o na direção do medo, como sempre acontecia quando eu me encontrava prestes a aceitar uma nova missão.

Sou conhecido no mundo inteiro por lidar com situações sobrenaturais, cientificamente inexplicáveis, que me levaram a escrever mais de vinte livros e centenas de artigos, nos quais eu relato e analiso casos de arrepiar os cabelos, ocorridos em quase todos os continentes. Porém, nos meus trinta anos de carreira, lidando com fenômenos paranormais de vários tipos, aquele foi o primeiro termo de sigilo que eu fui obrigado a assinar, o que me surpreendeu, apesar de toda a minha experiência no ramo, fazendo meu coração disparar de ansiedade.

O caso era completamente novo para mim:

Um avião bimotor com dez passageiros e três tripulantes a bordo perdeu contato com os controladores de vôo e desapareceu do radar às 23:53, no dia sete de junho. Até um minuto antes, o contato com a torre de controle era normal, sem nenhum sinal de alarme ou de tensão entre os pilotos; mas, de repente, tudo se apagou. Era uma noite escura, com céu nublado, mas sem

risco de tempestade; nada indicava uma pane nos instrumentos, e o contato com outros aviões naquela região se mantinha normalmente, sem problemas.

Até aí tudo indicava um acidente de grandes proporções, com alguns detalhes misteriosos, mas que certamente seriam explicados quando a caixa-preta fosse encontrada em meio aos destroços.

Só que não havia destroços. O avião foi encontrado, mas intacto, como se tivesse realizado um pouso suave na pista de um aeroporto qualquer. Todos os equipamentos funcionavam perfeitamente, sem nenhum problema.

O que, no entanto, deixou os militares perplexos foi o fato da aeronave ter sido encontrada no alto de uma montanha, em uma área de topografia acidentada, cercada por enormes rochas pontiagudas e árvores, não havendo a menor possibilidade de ter ocorrido ali um pouso normal de avião.

“Eu estava lá e vi tudo com meus próprios olhos”, disse o homem à minha frente, tentando disfarçar o espanto e o medo que penetravam as névoas de seu olhar frio e perturbador. [Ele fazia parte da equipe de busca que encontrou o avião, no dia seguinte ao desaparecimento]. “Eu estava lá, tirei fotos, mas até agora não consigo acreditar...”.

A curiosidade me sufocava; meu corpo todo tremia; mas ao mesmo tempo eu sentia pena daquele homem que me encarava, já desarmado, com as lágrimas brotando de seus olhos desprotegidos, incapazes de disfarçar a emoção que aquela narrativa lhe provocava.

“Veja as fotos”, disse ele, estendendo para mim uma pasta de cor parda, que ele tirou de uma pequena gaveta na mesa. [Talvez ele a mantivesse escondida para não aguçar ainda mais a minha curiosidade, caso ele decidisse não mostrá-la].

A primeira foto era do avião visto à distância, cercado de rochas e árvores, em meio às montanhas. As árvores ao seu redor [por todos os lados] estavam intactas, com seus galhos frondosos, cheios de folhas: só isso já provava a impossibilidade de um pouso naquela área. Mas tudo, TUDO naquela foto gritava: IMPOSSÍVEL: as pedras, os morros... Nenhuma marca no chão, nenhum destroço; o trem de pouso baixado, limpo, impecável, como se tivesse sido acionado para uma aterrissagem normal.

Outras fotos mostravam detalhes do avião: nada, absolutamente NADA que indicasse um pouso forçado – na verdade, nada que indicasse um pouso.

Como teria aquele avião chegado ali? Essa era a primeira pergunta sem resposta, o primeiro enigma daquele caso intrigante e assustador.

Mas o pior ainda estava por vir: o fato mais espantoso e inexplicável de todos, algo que eu nunca tinha visto em toda a minha vida:

As fotos seguintes mostravam o interior do avião. Na primeira, em um plano afastado, todos os passageiros apareciam sentados em suas poltronas, como se prosseguissem viagem. Mas um detalhe importante saltava aos olhos do observador atento: mesmo à distância, era possível perceber em seus rostos – em todos eles –, um sorriso enigmático.

“Estão todos mortos”, disse o militar, mergulhando o rosto na mesa, entre os braços cruzados, que tremiam a cada soluço. Consegui ouvi-lo dizer, balbuciante: “Os laudos das autópsias não revelam nada, absolutamente nada... Nenhuma causa...”.

Olhei as outras fotos: cada rosto individualmente, em close: cada sorriso, cada olhar... Todos mortos? Não dava para acreditar... Mas, no entanto, era verdade. Dava para ver que os sorrisos e os olhares, que me pareciam ser de prazer, de encantamento, de entrega a um destino almejado por todos, desenhavam-se em corpos já sem vida, tomados por aquilo que a interrupção definitiva da existência terrena lhes imprime: rigidez, palidez... Mas os sorrisos eram vivos: eles transmitiam uma mensagem que, para mim, naquele momento de emoção intensa, ainda era confusa, misteriosa, mas que me levava a pensar em tudo, menos na morte. Nada ali transmitia medo, agonia, dor, aflição, sofrimento, mas justamente o contrário: naqueles sorrisos eu via alegria, esperança, satisfação, regozijo, prazer.

O que era aquilo, meu Deus?

O homem levantou o rosto, olhou para mim como se o mundo desabasse ao seu redor e isso lhe fosse indiferente, apontou para uma foto e disse: “Minha esposa”; e para uma outra, com os dedos trêmulos: “Meu filho...”.

Um silêncio profundo tomou conta da sala naquele momento. Nossos olhares se pregaram um no outro: o dele implorando uma explicação que o salvasse de

si mesmo, resgatando-o do abismo da dor, do sofrimento; e o meu dizendo que sim, que eu faria tudo para solucionar aquele mistério, por sua família desaparecida, por ele, por mim...

Terminada essa troca significativa de silêncios, ele se levantou da cadeira e abriu a porta da sala, chamando uma mulher que se encontrava parada no corredor: “Major, por favor, traga a caixa-preta”.

A caixa-preta...

O que teria registrado a caixa-preta daquele vôo para a morte?

“Você se acha suficientemente espantado e perplexo?”, perguntou-me ele, enquanto se acomodava de novo na cadeira.

Não respondi.

A porta se abriu e uma pasta escura e volumosa foi posta sobre a mesa por uma militar de meia idade, séria e compenetrada.

“Obrigado”, disse o homem, enquanto a mulher se retirava, fechando a porta.

“Então...”, continuou ele. “Você se acha suficientemente surpreso e intrigado com o que eu lhe contei e mostrei até agora?”.

Eu não conseguia responder.

Ele sorriu, fechou os olhos e disse, sem disfarçar a dor que dilacerava seu peito: “Só que o mais espantoso e assustador vem agora... Está aqui...”.

E ele bateu a mão direita três vezes sobre a pasta:

“Na caixa-preta”.

Nossos olhares se cruzaram de novo e ele me perguntou:

“Está preparado?”.

CONTINUA A SEGUIR...

#### 4 - O mistério da caixa-preta – Parte II

[O piloto fala]:

Vou registrar tudo...

Vejo à minha frente, pelo vidro da cabine (onde deveria estar simplesmente a noite escura que nos cerca), um rapaz de olhar cansado, mas ao mesmo tempo iluminado, cheio de vida. Sou eu – tenho certeza que esse rapaz sou eu –, mas ele não tem o meu rosto, o meu cabelo, o meu corpo; talvez o brilho do seu olhar se pareça um pouco com o meu...– não sei se o brilho, mas certamente alguma coisa no olhar (ou por trás do olhar...). Veste-se como um mendigo e está caminhando pelas ruas de uma cidade suja e fedorenta: eu sinto o cheiro da cidade: um cheiro de podridão, de fezes e vômito; vejo a sujeira acumulada na rua sendo pisada por pessoas e cavalos, que correm de um lado para outro, sem parar. Olho para um prédio em construção que, com certeza, não é da nossa época, nem desse país...

‘Eu’ olho? Sou eu?

O que eu faço ali, meu Deus?

Um homem me persegue, eu o vejo se aproximar, caminhando lentamente pela rua imunda: um homem que fará de tudo para me destruir. Eu corro, desesperado, mas ele está no meu encalço. Veste-se com os paramentos, adornos e insígnias de um oficial bem colocado na hierarquia administrativa da época (mas que época? Onde?). Entro na multidão de gente suja, que fala uma língua que eu não conheço (Polonês? Alemão?), e, de repente, ele está bem na minha frente, olhando para mim: esse olhar... O olhar do lobo que encontra a sua presa... Vejo-o aqui, refletido no vidro desta cabine, neste avião: esse olhar que me chega do passado, abrindo com seu ódio as névoas do tempo...

Não o vejo mais.

Estou agora deitado na grama de um jardim, próximo a um riacho. Sou um velho e não consigo falar. Da minha boca escorre uma baba branca, que uma mão feminina limpa com um lenço bordado, de fino tecido. Não vejo o rosto da moça, mas sinto a sua presença reconfortante, o seu toque delicado, e ouço a sua voz dizendo: “Obrigada por tudo... Obrigada”. Sou um idoso que se

aproxima da morte; mas não sou aquele rapaz cinquenta anos mais velho. Sou outra pessoa, em outro lugar, em outra época – uma época anterior à que viveu o rapaz. Percebo isso pela minha roupa, pela minha peruca e pelo som de uma música que me chega de algum lugar atrás de mim (uma música composta naqueles dias, sendo tocada ali pela primeira vez; não sei como explicar essa minha certeza). Sou um velho que viveu uma juventude completamente diferente da que teve aquele jovem (que também sou eu), embora com a mesma carga de sofrimento e dor, talvez ainda mais pesada (eu sinto isso).

Sou agora uma mulher que, afobada, puxa a sua filha pelas ruas de uma cidade que não me é estranha. Ouço falarem a minha língua, sinto cheiros familiares: amendoim torrado, pipoca, canela, pequi. Entro numa casa pobre e subo as escadas até um quarto onde um grupo de pessoas se reúne em torno de um moribundo. Meu pai. Não o reconheço em meio aos lençóis imundos, respingados de sangue, mas esse homem é meu pai, o pai daquela mulher que sou eu. Uma senhora gorda de meia idade me abraça, aos prantos, enquanto minha filha se dirige à cama, chorando, e cai sobre o corpo quase sem vida do avô. Meu pai, meu pai... Esse homem não é meu pai (não o pai deste piloto que vos fala). Meu pai morreu jovem, eu me lembro dele, do seu rosto, do seu sorriso... A menina, minha filha (mas eu não tenho filha!), abraçada ao avô, levanta-se e olha para as pessoas ao seu redor: eu vejo as suas mãos trêmulas, sinto a sua dor e, lá no fundo, bem no fundo da sua alma, sinto uma presença maligna, um resto de maldade... Ela precisa de mim, que sou sua mãe; da mesma forma que aquela jovem do passado precisou do velho que, no final da vida, recebeu de suas mãos agradecidas os últimos gestos de reconforto, as últimas carícias...

A senhora gorda me olha e me beija a face. Segura firme as minhas mãos. Não a conheço, mas sinto que ela está aqui também, neste avião... Suas mãos são fortes, seu amor é imenso: eu posso contar com ela, e minha filha também... De repente sinto um calafrio e lá está ele: o lobo. Ele está próximo à cama, sério, com o semblante triste; mas de toda a desgraça que caiu sobre a minha família, eu posso dizer: foi ele o causador; e sinto (naquele momento) que ainda vou sofrer muito em suas mãos. Não é mais aquele oficial da magistratura ou do exército daquela cidade imunda; é um jovem de no máximo vinte anos, mas que traz na alma uma maldade de séculos (e eu vejo isso em seu olhar: o mesmo olhar que me encarou com ódio naquela cidade perdida no tempo e no espaço, em meio à multidão). Ele está aqui por algum motivo: aqui, neste quadro de tristeza, de dor e luto: neste quarto sombrio e triste que é o do meu pai moribundo; mas também aqui, neste avião: ele está

aqui, entre nós, talvez tendo as mesmas visões fantasmagóricas e inexplicáveis...

E a minha filha? Eu olho para ela, vestida como uma criança pobre da década de 10 ou 20 (não sei bem), sem reconhecê-la, mas sabendo que é minha filha. Aproximo-me dela, trago-a para junto de mim, e a encaro nos olhos; e vendo agora a cena (enquanto avançamos rumo ao desconhecido, sem nenhum contato com o mundo exterior, sem nenhuma chance de socorro), sinto a presença dela, dessa mesma menina, ao meu lado, deitada na grama junto ao riacho... O que eu fiz por essa criança?

E de repente me vejo de novo naquela cidade suja (agora longe do meu perseguidor), entrando em um barraco de madeira cercado de lama, com ratos correndo para todos os lados. Ali dentro está minha mãe doente e faminta. Dou-lhe um pedaço de pão e leio para ela algumas passagens da Bíblia, o que lhe alivia um pouco o sofrimento e o cansaço causados pela tuberculose. Seu corpo treme a cada palavra minha...

Mas não é que elas estão ali também? A minha filha com seu pranto no quarto do avô moribundo e a jovem ao lado do velho na grama ouvindo música... A mãe daquele jovem mendigo que sou eu é a filha daquela mãe desesperada que sou eu e, talvez, uma amiga, sobrinha ou mesmo filha daquele velho inválido que sou eu também! São a mesma pessoa... Não... O mesmo espírito!

[Longo silêncio]

Outras cenas... Outros homens, outras pessoas (jovens e velhos, mulheres e crianças) que são eu. Vi tudo... Outros amigos, em vários lugares, em várias épocas, que se repetem, para me fortalecer, para me ajudar: a senhora gorda aparece três vezes (e ela está aqui conosco nesta viagem – eu sei que está –, não como uma velha gorda, mas como um senhor calvo, de óculos grossos – eu o vi na entrada e sei que é ela, eu sei...); o lobo faminto (cheio de ódio e maldade) aparece em todas as cenas para me destruir, mas acaba me fortalecendo cada vez mais (no riacho ele é um pescador que olha para trás, erguendo um peixe, e me encara, sentindo prazer por me ver decrépito e inútil): e ele também está aqui, neste avião, eu sei: já não carrega mais todo aquele ódio de séculos: já sofreu o bastante para se corrigir, para se purificar: seus filhos e netos já sofreram muito por ele...

Todos estão aqui, com outros rostos (eu me lembro deles na entrada: são eles...).

Olhe para mim, Joel [Joel García é o co-piloto], deixe-me ver seus olhos... É você... Não há dúvida. No seu último suspiro, o pai daquela mulher que sou eu abriu os olhos, e você está lá, Joel... Vejo seu olhar naquele olhar, um brilho apagado e triste, mas é você... E agora te vejo também em outros rostos... Em outras épocas e lugares...

Você entendeu? Nossa missão acabou... Sinta a recompensa, Joel... Você está sentindo?

Ele está lá atrás, junto com os outros. Nós conseguimos...

[Silêncio]

Eu vi, Joel, eu vi o que ele fez. Foi terrível! Nós o ajudamos, meu amigo... Ele foi salvo e segue agora conosco para uma outra missão, livre dos sofrimentos que o atormentaram e torturaram por séculos. Ele não vai cedo demais (não existe cedo demais). Ele é jovem (o seu corpo é jovem), mas seu espírito está pronto para uma outra vida...

Eu o batizei, Joel. Seu pai é meu amigo, um militar digno e honesto, mas triste, muito triste. Eu o batizei nesta vida e o acompanhei até aqui, trazendo junto com ele a sua mãe, uma jovem bondosa e cheia de amor, que nos ajudou várias vezes no passado (neste e em outros...). E como eu sofri, Joel... Como eu cresci e me aperfeiçoei nessa grande jornada! Como nos aperfeiçoamos! Desse garoto eu fui pai, mãe, amigo, filho, por várias vezes, e agora sou seu padrinho em Cristo, nosso Pai, que nos conduz de volta, juntos, à sua casa, pois Ele precisa de nós, neste momento: de nós treze – juntos – para uma nova missão. E tem que ser agora. Por isso estamos aqui...

Sinta a recompensa, Joel... Não é maravilhoso? Você sente também... Todos lá atrás estão sentindo a mesma alegria, a mesma sensação de dever cumprido, o mesmo regozijo, o mesmo encantamento...

Mas por que temos consciência disso? Por que essa verdade nos foi revelada? Será que vamos nos esquecer de tudo quando o avião cair?

[Silêncio]

Esta música... Você está ouvindo, Joel? É a mesma música que eu ouvi deitado na grama, no jardim, às margens daquele riacho, enquanto recebia os cuidados daquele espírito perturbado que nos fez chegar aonde chegamos (a este avião, a esta paz, a esta alegria), e que agora está ali atrás, entre os passageiros, salvo, ao lado da mãe...

Esta música, Joel...

Só pode ser obra divina...

Só pode vir dos Céus...

[O piloto assobia uma música por alguns minutos].

[Fim da gravação].

## 5 - Despido

Ele chegou em casa por volta de oito da noite. Tirou a roupa e, de frente para o espelho, apalpou a indesejada barriguinha, que crescia a uma velocidade espantosa desde que completara trinta anos (embora já tivesse experimentado várias dietas: da sopa, da proteína, do carboidrato, dos pontos, do tipo sanguíneo, etc.). Aproximou o rosto do espelho e observou as rugas que se formavam na testa e ao redor dos olhos, os pêlos que saíam das duas narinas cheias de muco, a barba de cinco dias falhada nos pontos onde as cicatrizes de espinha eram mais profundas, o cabelo oleoso e despenteado, o olhar vazio, sem vida.

Era seu aniversário de trinta e três anos. Estava sozinho em casa, sem qualquer esperança de receber uma visita ou um telefonema. Não tinha amigos e há muitos anos não dava notícias à família, que vivia no interior. Ocupava um cargo importante no Estado, mas odiava o seu trabalho. Todos os dias era a mesma rotina de processos, procurações, requerimentos e ofícios; o mesmo formalismo no vestir, andar e falar; a mesma sensação de vazio, que nem o prestígio e o alto salário conseguiam preencher. Seus únicos prazeres eram o passeio pelo centro da cidade após o expediente (quando visitava livrarias e jantava em restaurantes requintados) e a TV a cabo, que assistia todas as noites em casa, deitado no sofá da sala, completamente nu.

Naquela noite ele trouxe para casa um bolo de aniversário – com recheio de nozes e cobertura de chocolate –, que ele havia encomendado em uma confeitaria perto do prédio onde trabalhava. Depois de se despir, levou o bolo e uma latinha de coca-cola para a sala, onde ligou a televisão e se acomodou no sofá, preparando-se para assistir a um episódio da última temporada do seu seriado americano favorito. Com a mão esquerda (sem usar faca ou qualquer outro talher), serviu-se de um pedaço do bolo, lambuzando a boca e o queixo enquanto comia. Do seu nariz escorria um muco ralo e persistente, que ele espalhava pelo rosto com as mãos e depois limpava no peito, na barriga ou nas almofadas do sofá.

Às duas da madrugada ele desligou a TV, debruçou-se numa das janelas que davam para a rua, na frente da casa, e acendeu um cigarro. Deve ter ficado ali uns dez minutos fumando e observando a rua deserta, até que um velho casal de aposentados que morava na vizinhança apareceu na calçada, do outro lado, e começou a fuçar o lixo do vizinho. (Era um casal esquisito: muito ricos, mas viviam como mendigos, comendo restos de comida jogados no lixo por donos

de restaurantes e vestindo roupas velhas distribuídas por associações de caridade. De suas incursões noturnas, traziam para casa tudo que achavam ser de utilidade, espalhando pelos quartos, salas e banheiros uma infinidade de objetos que nunca seriam usados).

Ele conhecia a história daquele casal (sabia das suas maluquices e do desprezo que tinham pela sociedade), mas mesmo assim resolveu tentar uma abordagem. Chamou-os, tentando não gritar (para não acordar os vizinhos): “Olá! Psiu!”. A mulher observava atentamente uma cabeça de boneca, segurando-a com as duas mãos, bem perto dos olhos, quando recebeu um cutucão do marido. Da janela, o rapaz fazia sinais, pedindo para que o casal se aproximasse. Quando os dois atravessaram a rua e pararam em frente ao portão da casa, ele disse: “Eu tenho aqui um bolo... Vocês querem um pedaço?”. O velho fez que sim com a cabeça.

O que havia sobrado do bolo foi entregue ao casal, que pareceu nem notar a nudez do rapaz quando ele se aproximou do portão. A velha colocou o bolo junto com a cabeça de boneca em uma sacola de papel e saiu na frente, sem dizer nada. O velho ficou parado, olhando a casa e as plantas do jardim por alguns segundos, depois baixou a cabeça e seguiu a mulher.

Ao ver que os dois haviam virado a esquina, o rapaz entrou. Foi à cozinha, fez um café bem forte, acendeu um cigarro e esperou o dia raiar.

## 6 - Pôr do sol no campo

Desde que perdeu sua fortuna e teve que vender quase todos os seus bens para pagar os credores, o velho fazendeiro ceifava e punha para secar ele mesmo as gramíneas que cresciam ao redor de sua casa, conduzindo-as, depois de secas, em uma velha carroça até o curral, onde alimentava com o feno as dez vacas leiteiras que possuía, seu único sustento naqueles tempos de crise.

Viúvo e solitário, sem amigos, vivendo a trinta quilômetros do arraial mais próximo, sem nada para ocupar seu tempo livre [a não ser os poucos livros que encomendava a um mascate que passava por ali de mês em mês, com quem às vezes trocava um dedo de prosa sobre a política na Corte], o velho fazendeiro, ao abrir a janela do seu quarto em uma bela manhã de domingo, no início do outono de 1828, sentiu seu coração encher-se de alegria quando viu chegar seu filho Miguel, em uma carroça puxada por dois cavalos estropiados, trazendo com ele sua jovem esposa Amália e seu filhinho Amadeu, nascido naqueles dias.

Cinco anos depois, no final de uma tarde fria de maio, enquanto colocava o feno numa velha carroça de madeira, o fazendeiro lembrava-se da chegada do filho como uma benção de Deus, um milagre que o salvara da Morte, expulsando-a de sua casa no momento em que ela já se erguia, com a foice em punho, para abatê-lo – sem complicação nenhuma, já que ele próprio tinha tudo preparado numa das gavetas da cozinha: uma porção de ervas venenosas, que cresciam no seu jardim, mas que, para que fossem mortais, tinham que ser preparadas de uma maneira especial, respeitando-se a época da colheita, a maturação das plantas, os horários, as misturas corretas das folhas e a temperatura.

E tudo isso estava pronto naquele domingo – o veneno guardado na gaveta, à espera –, quando o filho chegou, reconciliador, disposto a fazer as pazes com o pai [depois de quinze anos], e trazendo, para a alegria da casa, uma esposa bondosa e uma criança cheia de amor para dar.

Foi o que lhe devolveu a vida.

Mas lá estava ele, juntando o feno com um garfo ao pôr do sol, enquanto o filho cuidava das vacas, a nora preparava uma sopa e o neto brincava com pedrinhas e gravetos embaixo de uma frondosa árvore, de sombra acolhedora.

De repente, um vento forte começou a soprar, vindo de várias direções, levantando e espalhando o feno que se encontrava na carroça.

Essa imagem das plantas secas voando para todos os lados fez-lhe pensar sobre a sua vida, que, ele sentia, aproximava-se do fim, às vésperas de completar 75 anos:

*Penso que a maior parte do que eu plantei, eu colhi... Veja isto, velho... Neste feno há gramíneas e leguminosas de diversas qualidades e tamanhos que, quando não são ingeridas pelas vacas, são absorvidas pelo solo como adubo, que vai alimentar outras vidas, nesta e em outras gerações...*

*Ora, não é assim a própria vida?*

*Como eu disse, muito do que eu plantei, eu já colhi. A solidão amarga e triste que eu vivi durante anos só pode ter sido fruto do meu egoísmo e da maldade que eu pratiquei na juventude e nos anos de abundância, guiado pelo meu desejo de poder e riqueza...*

*Ao outro que me desprezava, eu dei o meu desprezo, plantando assim o desprezo na minha vida... A humilhação que eu sofri, eu paguei com a humilhação que eu fiz o outro sofrer, plantando assim a humilhação na minha vida... Vinganças, traições... Julguei e espalhei boatos sobre pessoas que eu nem conhecia, só para prejudicá-las... E se eu estendi a mão a alguém, foi por puro interesse... Maldade, perversidade, cinismo, maledicência... Tudo isso eu plantei...*

*Mas será que eu já colhi todo o mal que eu fiz?*

*Não. Eu não colhi tudo... Veja estas folhas e talos que voam ao vento, seu velho imbecil... Veja os frutos da sua colheita... Eles vão alimentar outras vidas, que continuarão depois que os vermes já tiverem comido toda a sua carne...*

*Meu filho... Meu neto... O que eles colherão do que eu plantei?...*

*Que seja só o bem, meu Deus, só o bem...*

E o vento soprava forte, enquanto o sol se punha no horizonte, numa confusão de azuis, roxos, alaranjados e rosas; e o feno dourado continuava seu vôo,

chegando até onde o pequeno Amadeu brincava, embaixo da árvore. Ele construía uma cabana para as suas pedrinhas, que representavam ele, a mãe, o pai e o avô. E ao perceber o feno que se juntava ao pé da árvore, quando o vento já se acalmava, ele teve a ideia de usá-lo como parede e teto para a sua construção, onde, ele acreditava, sua família viveria feliz e em paz por muitos e muitos anos...

## 7 - Partir

O jovem Pierre acordou às três da madrugada, todo molhado de suor, apesar do frio intenso que invadia o seu quarto pelas frestas da janela, em rajadas de vento e neve.

Enrolou-se num pesado casaco de lã e foi alimentar o fogo na lareira.

Às quatro horas ele daria início à limpeza do cadafalso, pois antes mesmo do nascer do sol haveria uma nova execução, seguida de outras trinta, naquele dia sombrio de inverno do ano de 1793, em Paris.

Esfregou vagarosamente as mãos sobre o fogo que ardia e estalava num dos cantos do quarto, pensando, com tristeza, nas expressões de espanto, desespero, ódio, angústia, medo, e também de indiferença e resignação, que tantas vezes ele vira nos rostos dos condenados, minutos antes da lâmina da guilhotina deslizar seu peso entre as hastes de madeira e cortar fora as suas cabeças. Algumas rodopiavam no ar antes de cair na cesta de vime que ficava no chão, próximo ao patíbulo. Outras, maiores, mais redondas e gordas, caíam como jacas maduras, ou – para não nos afastarmos muito do cenário francês – como pesados queijos Roquefort, sem muita acrobacia, produzindo, ao atingir o fundo da cesta, um baque só um pouco mais audível que o de uma cabeça menor. Outras, porém, devido ao formato do crânio e da face, ou talvez em decorrência de uma contração muscular anormal no pescoço do condenado, além de rodopiarem várias vezes no ar, saltavam dos troncos com tanta força, que caíam fora da cesta até dois ou três metros adiante, para delírio da multidão que se aglomerava ao redor da guilhotina.

O que pensavam os infelizes naquela hora? O que passava pelas suas cabeças nos segundos que antecediavam a decapitação? O que eles sentiam no momento em que a lâmina ceifava a carne e os ossos dos seus pescoços? E no segundo seguinte, quando a cabeça, já separada do tronco, caía ao chão?

“Tenho que ir”, disse para si mesmo o jovem Pierre, enquanto comia um pedaço de queijo e se dirigia à saída, espantando com o pé esquerdo uma enorme ratazana que seguia lentamente pelo corredor.

Lá fora o frio era cortante, mas Pierre estava bem agasalhado; e também aquele não era o seu primeiro inverno como trabalhador pobre nas madrugadas escuras e geladas de Paris.

Quando ele chegou à praça onde se erguia o cadafalso, o vento soprava preguiçosamente alguns pequenos flocos de neve, castigando-lhe a face desprotegida, que ardia e queimava de frio. Havia neve depositada no chão de terra batida, mas não em quantidade suficiente para esconder as marcas de sangue deixadas por algumas cabeças, que tinham sido lançadas ao solo, como balas de canhão, no dia anterior. A lâmina encontrava-se também com manchas e respingos escuros de sangue coagulado e congelado, assim como a parte do estrado que ficava próxima ao local de decapitação.

Seu trabalho era limpar tudo aquilo até a chegada da carroça que traria o primeiro condenado do dia, juntamente com uma multidão de curiosos, que se deliciava com cada espetáculo do Terror.

Começou a limpeza pela lâmina, que ele esfregou com força até que todos os resíduos de sangue desaparecessem, tomando muito cuidado para conservar intactos os seus dedos, que, mesmo enluvados, tremiam de frio. Depois começou a esfregar o chão do estrado, cujas manchas resistiam mais à escova e ao sabão; mas foi interrompido pela chegada de um amigo, que subiu a escada sorrindo, meio cambaleante, como se acabasse de sair de uma festa.

“Olá, Henri”, disse o jovem Pierre, levantando-se lentamente e abrindo caminho para o amigo passar.

“Pierre, meu caro... Não tenho muito tempo para você hoje... Aliás, em breve não terei tempo para mais nada... Só vim para te esclarecer uma dúvida que, na última vez que nos encontramos, neste mesmo cadafalso, você começou a me explicar, mas não terminou, porque fomos interrompidos pela chegada da carroça, lembra?”.

“Claro que me lembro!”, disse Pierre, empolgado, com os olhos pregados no rosto pálido do amigo, que perguntou: “E então?”.

Em resposta, Pierre reformulou a sua dúvida: “Naquele dia, o que eu queria saber era se a cabeça, separada do tronco, logo após o encontro da lâmina com o pescoço, tem consciência de que ela se encontra decapitada”.

Henri passou a mão direita em seu pescoço nu, seguindo com os dedos o contorno de uma linha avermelhada e grossa que o rodeava como um cordão apertado, e respondeu:

“Como eu mantive os olhos abertos, pude ver uma parte do estrado e também a cesta de vime, que ficava ali embaixo. Ouvi as pessoas gritando e também o assobio da lâmina que descia veloz. Naquele momento, a única imagem que me veio à mente foi a do meu filho de dois anos correndo e brincando no pátio da nossa casa, feliz, enquanto eu lia um livro de M. de Voltaire. Mas quando a lâmina separou minha cabeça do tronco, no exato momento do corte, tanto a imagem reconfortante da memória quanto a da terrível realidade desapareceram, para no mesmo instante darem lugar a um turbilhão de imagens confusas, mas que eu pude identificar como sendo o céu, o sol, as pessoas, os prédios, o chão, tudo em movimento, girando, até eu ver, numa espécie de fixidez instável – como se eu estivesse bêbado –, os pés de uma enorme multidão”.

“Mas e depois?”, perguntou Pierre, interessado.

“Depois, no instante seguinte, eu vi uma luz, uma luz branca que brilhava intensamente à minha frente, e eu estava de pé, com a cabeça de volta ao tronco, sem dor, sem medo, sentindo uma espécie de chamado, um chamado silencioso, vindo da luz. Mas eu não queria entrar. Eu lutei, desvencilhei-me daquele campo de forças com determinação... gritei que não, que não... E aqui estou eu: um morto que vaga pela cidade, e que é visto por alguns, como você, que possuem um dom especial que eu ainda não sei explicar...”.

Henri fez uma breve pausa, enquanto olhava o vazio, e continuou:

“Mas como eu disse, não dá mais para ficar. Vou me entregar. Eles já me procuram, me cercam, tentam uma aproximação... Vou me entregar, Pierre... vou partir, como muitos outros partiram... Partir...”.

Silêncio.

Os dois amigos se olharam, preparando-se para um abraço fraterno, quando, de repente...

“A carroça”, disse Pierre, levantando os olhos em direção à avenida, e, no segundo seguinte, voltando-se novamente para o amigo: “Henri...”.

Mas ele já tinha partido.

## 8 - Lição de Abismo

O velho advogado desligou a televisão, vestiu um pijama e foi para a biblioteca, onde vasculhou as estantes em vários locais, até encontrar, atrás de alguns clássicos franceses do século XIX, uma volumosa pasta preta cheia de papéis velhos. Sentou-se na escrivaninha, abriu a pasta e, com cuidado, retirou a última folha do maço. Ali, escrito em letra cursiva pequena e elegante, na primeira linha, destacava-se o título: “Livros que li no ano de 1958”. Sorriu, emocionado, ao ler alguns comentários que havia escrito sobre suas leituras preferidas naquela época: os romances policiais da Coleção Amarela, editados a partir do início da década de 1930: “O Mistério da Escada Circular”, “Os Três Punhais”, “Um Cadáver no Jardim”, “A Mão Decepada”, “A Pista da Vela Dobrada”, “O Mistério dos Fósforos Queimados”, e muitos outros. Na folha anterior, que continha os comentários sobre as leituras feitas em 1959, o nostálgico advogado [que acabara de completar setenta anos] confirmou o título do primeiro livro que havia lido em inglês: “Death on the Nile”, de Agatha Christie.

Mas entre os inúmeros romances policiais ingleses e americanos, que ocupavam a maior parte das folhas amarelas da antiga pasta de recordações do advogado, apareciam também clássicos da literatura mundial dos séculos XIX e XX, romances e contos contemporâneos, obras de importantes cientistas sociais brasileiros, como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, e várias teses de mestrado e doutorado em Sociologia, História, Ciência Política e Direito. Ficou particularmente espantado com a quantidade de livros lidos na década de 1970, quando já era um advogado em ascensão, casado e com três filhas pequenas.

Foi aí que se lembrou de como era obcecado com o sucesso profissional. Ficava no escritório até tarde, todos os dias, em reuniões intermináveis com sócios e clientes, e ainda virava noites estudando processos em casa. Tinha aulas de inglês, francês, alemão, espanhol e italiano, e se obrigava a ler pelo menos três horas por dia [inclusive nos finais de semana] textos originais em todas essas línguas [além do português]. Utilizava um cronômetro para marcar o tempo que se dedicava à leitura, interrompendo a contagem sempre que era obrigado a abandonar o livro para ir ao banheiro ou atender a algum chamado importante. Era obrigado a fechar a semana com no mínimo vinte horas de leitura, em todas as línguas que conhecia, pois achava que o seu diferencial na profissão seria um vasto conhecimento das culturas e civilizações do mundo; e como era advogado criminalista, dedicava-se com especial afinco à leitura dos

melhores contos e romances policiais, com destaque para Conan Doyle, Chesterton, Dorothy L. Sayers e Agatha Christie.

Guardou as folhas de volta na pasta. Levantou-se com cuidado, apoiando-se na escrivaninha para não cair, e moveu lentamente a cabeça de um lado para o outro, visualizando, em toda a sua grandiosidade, as três enormes estantes repletas de livros. "Será que valeu a pena?", perguntou a si mesmo, enquanto caminhava em direção a uma prateleira, no lugar reservado aos autores russos do século XIX. Ao chegar bem perto, escolheu uma edição francesa de "Crime e Castigo" e dirigiu-se ao banheiro, no final do corredor. Ali, tirou a calça, sentou-se no vaso, abriu o livro e releu trechos que ele próprio havia marcado em 1977, ano em que entrou em contato pela primeira vez com o fascinante e sombrio universo de Dostoievski.

Dessa primeira leitura, lembrava-se perfeitamente dos delírios de Raskolnikov, deitado em seu sofá no quarto miserável que alugava, ou andando sem rumo pelas ruas imundas de São Petersburgo. E de outras incursões literárias dessa mesma época recordava-se com detalhes de várias cenas: beijos, assassinatos, funerais, festas, duelos, guerras e discursos. Mas quando pensava nas três filhas, com dois, cinco e sete anos em 1977, poucas lembranças lhe vinham à cabeça, pois raramente tinha tempo para elas. "Hoje elas estão casadas, com filhos, e não as conheço", pensou com tristeza. "Valeu a pena?", perguntou novamente, dessa vez com os olhos fixos na imagem de seu rosto refletida no espelho [cabelos brancos, pele vincada], enquanto limpava com cuidado o ânus, maltratado por duas décadas de ataques recorrentes de hemorróidas.

Vestiu novamente a calça do pijama, apertou a descarga e caminhou em direção à sala. Recolheu os restos do jantar, jogados sobre a mesa em frente à televisão, e foi para o seu quarto, onde colocou um DVD, sentindo-se quase feliz por não ter que compartilhar a cama com a esposa naquele final de semana. O filme era o espanhol "Tudo sobre minha mãe". Numa cena, ouviu uma frase que o fez suspirar:

"Sucesso não tem cheiro, não tem sabor, e quando você se acostuma, é como se não existisse".

## 9 - Flores brancas na noite escura da alma

Ele tinha 15 anos. Era magro, feio e triste.

No começo era só o desprezo dos colegas e professores. Ninguém sabia seu nome nem conversava com ele. Suas notas eram medíocres, passáveis, indicando inaptidão e falta de talento, o que o colocava, dentro da classificação estabelecida informalmente pelos diretores e supervisores, no “ponto morto”, naquela posição que, embora não representasse um risco sério para a imagem da escola, não contribuía em nada para o seu engrandecimento institucional, sempre atrelado ao ranking dos colégios e aos primeiros lugares nos vestibulares das grandes universidades de elite.

Ele simplesmente não existia.

Pelo menos até o dia em que se dirigiu à mesa da professora, suando frio e tremendo, mudo, mas implorando ajuda com o olhar aflito e desesperado, com os dedos inquietos abrindo e fechando os botões da camisa; e a mulher, concentrada em alguns trabalhos que corrigia, fingia não tê-lo percebido, como se ele fosse uma peça decorativa surgida do nada, quase invisível.

Enquanto isso, os outros alunos mantinham-se em silêncio, alguns estudando, outros enviando mensagens pelo celular, desenhando, escrevendo...

Até que, não suportando mais a angustiante espera [ele já estava ali há mais de três minutos], um uivo de agonia saiu do fundo da sua alma, arrancando de seus pulmões e garganta toda a força necessária para devastar a indiferença dos colegas e da professora – e junto com esse grito de horror, um caldo escuro de diarreia explodiu no seu traseiro, marcando com uma enorme mancha marrom e fétida o tecido claro de sua calça desbotada.

A professora se levantou num salto e agarrou seu braço com força, puxando-o para fora da sala. No corredor, uma funcionária da escola repreendeu-o por não ter ido ao banheiro a tempo, levando-o em seguida para se lavar.

A partir desse dia a indiferença e o desprezo dos colegas se converteram em crueldade. Ele se transformou no alvo principal de todas as chacotas e piadinhas de corredores, e mesmo na sala, durante as aulas, comentários maldosos eram lançados aqui e ali, levantando risos abafados e silêncios constrangedores, sempre sob o olhar tranquilo e distante do professor.

Ele continuou não participando dos trabalhos em grupo e não encontrando ninguém para conversar no recreio, mas não era mais um Zé ninguém, um simples criador de indiferenças, pois os outros o notavam, olhavam para ele e riam – o que, no entanto, feria mais, doía mais, tornando-o cada vez mais amargo e triste.

Festinhas eram organizadas, passeios a fazendas e sítios aconteciam todos os meses e ele nunca era convidado. Seus únicos amigos eram os livros, que ele começou a ler também na escola, durante o recreio, embaixo de um enorme caramanchão, bem afastado do burburinho incessante dos outros adolescentes, que brincavam e conversavam em suas rodinhas.

Mas mesmo em seu refúgio de solidão, às vezes lhe chegavam bilhetinhos ofensivos e zombeteiros, quase sempre trazidos por um garoto vesgo e narigudo, com um leve retardo mental, mas que havia sido aceito pelos outros como uma espécie de mascote, sempre pronto a cumprir as ordens dos líderes do bando ou das meninas ricas, acostumadas em casa e na escola com paparicos e servilismos.

Um dia, o menino vesgo foi ao caramanchão levando uma pequena caixa de isopor fechada. Disse que era um presente dele, um pedido de desculpas por todos os bilhetinhos que ele havia trazido. Deixou-a ali, em suas mãos, e saiu correndo pelo pátio.

Sua primeira reação foi desprezar a caixa, deixá-la ali mesmo no caramanchão, fechada, intocada, e ir embora. Mas depois de alguns minutos de reflexão, resolveu abri-la. Não se surpreendeu com o que viu; mas diante daquela imagem repugnante, que lhe dizia, em seu silêncio asqueroso “Você é a escória da escória, o estorvo do estorvo: nada”, ele sentiu como se uma noite escura tomasse conta da sua alma naquele exato momento: uma sensação penosa: uma dor profunda revirando as densas sombras do seu ser, que depois se acalmava, para logo em seguida começar de novo – como uma dor de parto, mas na alma, no âmago da sua existência, do seu espírito pisado, massacrado, cuspidido.

Deixou ali a caixa cheia de fezes, de diferentes cores e consistências, como se fossem de várias pessoas, e dirigiu-se à saída do colégio, disposto a voltar só dois dias depois, para a realização do seu único e último ato.

Passou a tarde e a noite sem dormir, sem comer, e o dia seguinte todo, se preparando, se organizando, pensando em todos os detalhes do seu plano. Só interrompia o trabalho para ler Walt Whitman, Tolstoi, Edgar Allan Poe, Willian Burroughs e Allen Ginsberg, e para recitar em voz alta trechos de seus poemas preferidos, sobretudo os de Ginsberg em seus momentos mais sombrios: “A ti, Céu depois da morte, Único abençoado no Vazio, nem luz nem escuridão, Eternidade Sem Dias...”. E continuava, arquitetando tudo, escritos e rabiscos jorrando de suas mãos para o papel em jatos contínuos – orgasmos múltiplos de sangue sem interrupção.

Quando entrou na escola vestindo um pesado casaco de lã em pleno verão ninguém achou estranho. Na verdade, ninguém notou nada. Ele sabia que seria assim, por isso não se preocupou. Entrou no banheiro e se trancou num dos boxes sanitários, para aguardar o início das aulas.

Oração da Manhã. Avisos. Vozes e passos em tropel pelos corredores. Silêncio.

Era o momento de agir.

Atravessou o corredor em direção à sua sala com a mão direita enfiada dentro do casaco. A aula tinha acabado de começar. O professor de História continuava seu discurso pomposo sobre a economia capitalista, citando, como exemplos, pais de alunos ricos da classe, grandes empresários da cidade que, juntamente com juizes e políticos, eram ali reverenciados através de seus filhos [a maioria arrogante e estúpida, mas digna de elogios e paparicos simplesmente por serem filhos de quem eram].

Entrou sem pedir licença e se colocou diante da turma, ao lado do professor, que emudecera de susto ao vê-lo se aproximar vestido daquele jeito, com o ar cansado e sombrio, olhos avermelhados, o cabelo despenteado, ensebado. Parecia um louco; mas ninguém se moveu. Ficaram ali, estatelados, atônitos, estarecidos, os olhos esbugalhados de espanto, de medo.

Professor e alunos continuaram mudos e estáticos enquanto ele tirava de dentro do casaco um enorme maço de folhas, distribuindo-as, uma a uma, a todos os presentes. Eram centenas de poemas que ele escrevera nos dois dias anteriores, sobre amor, amizade, compaixão, generosidade e humildade; citações bíblicas que mostravam a simplicidade dos ensinamentos de Cristo: o amor ao próximo, o perdão, o desapego às coisas materiais; textos que ele

mesmo escrevera sobre a sua própria dor, mas que terminavam sempre com mensagens de esperança e paz.

Ao entregar seus escritos, andando pelas filas de carteiras como se dançasse ao som de uma melodia celestial, ele dava um beijo na testa de cada um de seus colegas, inclusive daqueles que haviam contribuído com a sua cota de matéria fecal para o presente na caixa de isopor.

Dali ele saiu para as outras salas, onde também espalhou seus textos. Pregou-os em todos os murais; lançou-os nos banheiros, na secretaria, na lanchonete, nas quadras, na sala de vídeo, nos laboratórios, deixando, ao final do percurso, depois de tudo distribuído, um manuscrito de trinta páginas [encadernado em capa dura] embaixo do caramanchão – o velho e solitário caramanchão, que o acolhera como um amigo durante todo o tempo em que ali viveu sua solidão junto aos livros, e que naquele dia florescia com uma exuberância jamais vista: cobria-se de flores brancas e ternas que, brilhando ao sol, pareciam querer ilustrar o título da primeira e última obra daquele jovem e triste poeta: “Flores brancas na noite escura da alma”.

## 10 - Goiabas bichadas

Na estrada deserta, o carro cortava a noite em alta velocidade. ‘Não acredito que você fez isso’. “O quê?”. ‘Deixar aquela mulher na estrada, sem prestar socorro’. “Mas ela estava morta”. ‘Você não sabe se ela estava morta’. “Como não sei? Sou médico, sei muito bem quando estou diante de um cadáver ou não”. ‘Mas os lábios dela tremiam, os dedos se mexiam’. “Isso é normal. Ela tinha acabado de morrer. Ontem mesmo eu vi uma reportagem no *Discovery Channel* sobre o Baiacu, aquele peixe que os japoneses adoram. Numa cena o peixinho estava morto numa bandeja, limpinho, as vísceras já postas numa tigela à parte, e ele ainda mexeu a boca três vezes. Com o corpo humano é a mesma coisa”. ‘Mas você tinha que prestar socorro’. “Não tinha nada. Quem disse isso? Os nossos legisladores? Ora, não me faça rir. Prestar socorro a quem? A um corpo?”. ‘Você é responsável pela morte daquela mulher. Tem que pagar pelo que fez’. “Foi um acidente. E acidentes acontecem. O que você quer? Que eu me entregue à polícia? Que eu diga Olha seu policial, eu bebi três taças de vinho com os amigos num sítio aqui perto e ao voltar pra casa, sozinho, atropeli uma mulher que andava de bicicleta no acostamento, e ela morreu. É isso que você quer? Pra quê?”. ‘Justiça’. “Que justiça? A dos juizes? Dos deputados?”. ‘Você cometeu um crime’. “Não me diga... Eu conheço o Código Penal. Por isso mesmo eu sei que, se eu me entregar, nenhuma justiça será feita. Vou pagar uma fortuna a um bom advogado mercenário, que vai livrar a minha cara em menos de duas semanas. E eu ainda tenho amigos juizes que não pouparão esforços para me ajudar. Só vou ter que aguentar os jornalistas me chamando de canalha em rede nacional, o que me desagrade um pouco. Por isso prefiro facilitar as coisas e deixar tudo como está: ninguém me viu, ninguém anotou a minha placa...”. ‘Eu vi’. “Mas você não conta. Daqui a pouco eu te convenço e nos acertamos. A propósito, é a primeira vez que você me dá trabalho desse jeito. Sempre que você me questiona sobre minhas atitudes e ideias eu te neutralizo em menos de um minuto. E agora isso... Você se lembra quando eu pedi àquele coitado pra dar um jeito nos pés de pequi e de ipê amarelo da minha fazenda, dizendo que eu me responsabilizaria por tudo caso a polícia o pegasse?” ‘E a polícia o pegou e você jogou a culpa toda nele?’ “Pois é... você entendeu em um minuto que o que eu quis dizer para o coitado foi outra coisa, que foi ele que interpretou errado, achando que era pra cortar as árvores e não era... Foi uma confusão danada”. ‘Então era pra cortar’. “Claro que era. Mas pense comigo... Onde já se viu um médico respeitado como eu, pai de três filhos médicos, de uma família tradicional, ter que prestar contas à polícia e pagar multas por causa de meia dúzia de pés de pequi e dois de ipê?”. ‘Mas o coitado foi preso e teve

que pagar multas'. "Ele cortou porque quis. Eu não o obriguei". 'Mas o enganou'. "Isso não importa". 'Importa sim'. "Para quem? Para Deus?". 'Talvez'. "Eu não acredito em Deus". 'Eu sei que não. E tenho nojo de você quando te vejo na igreja, ajoelhado, fingindo rezar, na sua ânsia por respeitabilidade, lustrando a máscara que esconde a sujeira da sua alma. Mas saiba que teus olhos te traem...'. "Não me venha com lições de moral. A vida é um jogo, e só ganha quem sabe jogar. Eu sei jogar. E nesse caso do atropelamento, eu agi corretamente, não tente me convencer do contrário. Ter que enfrentar a polícia, contratar advogado, para no final não acontecer nada. Pra quê? Agi corretamente porque me poupei desse atraso de vida". 'Você não pode garantir que não ia acontecer nada'. "Claro que posso. É o que acontece com a maioria dos políticos que roubam e dos médicos que matam e mutilam por descuido e negligência: absolutamente NADA". 'Mas cada um tem a sua consciência'. "Olha, vou te dizer uma coisa: conheço um político que já deve ter roubado tanto dinheiro da Saúde, que daria pra construir uns vinte hospitais do câncer no país só com o que ele desviou, salvando a vida de muitas crianças que, por falta de estrutura e tratamento, acabaram morrendo. E eu te pergunto: não seria esse político responsável pela morte de todas essas crianças?" 'Sim, em tese'. "Pois quero que você o conheça: um coroa bonachão, com uma família que sabe aproveitar bem o que ele rouba: todo mundo montado na grana: filhos, filhas, noras, genros e agregados [parentes e amigos que parasitam o núcleo familiar como sanguessugas, encontrando ali tudo de que necessitam para viver bem: empregos, moradia, comida, festas e vários sacos pra puxar]. E como ele é feliz! Nenhum problema com a consciência, eu posso te garantir. Se ele tiver uma, com certeza está presa numa câmara escura com uma enorme rolha na boca. Diferente de você, minha querida, que vê e fala o que quer e quando quer... Ó minha doce consciência... Como é que eu te aturo? Eu que sou tão perspicaz...". 'E a família daquela mulher?'. "A família dela vai sofrer de qualquer jeito, não importa se eu me entregar ou não à polícia. Aliás, penso que ela sofrerá mais se souber que eu me entreguei e não sofri nenhuma punição". 'Então é isso'. "Isso o quê?". 'Você não vai se entregar'. "Claro que não, que coisa! Mas quero que você fique tranquila, ok? Não suporto consciências pesadas, histéricas, que atormentam a nossa vida com suas lamúrias sem fim: Você não podia ter feito isso, não podia ter feito aquilo: - Ela é sua irmã, você não podia tê-la enganado pra ficar com o dinheiro só pra você; - Além de sócio, ele era seu amigo, confiava em você; mas você o enganou assim mesmo e deixou a família dele na miséria; - Você humilhou aquela mulher... ela não merecia isso; - O seu filho tinha que ter conseguido aquela vaga sem o auxílio da sua rede de amizades... Não aguento esse tipo de coisa". 'Eu sei'. "Vocês,

consciências pesadas, não têm a menor chance neste nosso país de consciências leves ou ausentes. Vocês são como aquelas goiabas suculentas que se deixam perfurar pelas moscas, e depois carregam suas larvas, que se alimentam de vocês até transformarem suas polpas em uma massa podre e imprestável. As moscas são os pensamentos grandiosos que fazem o mundo girar, o dinheiro circular, os grandes impérios surgirem; são as ideias que alimentam o poder, o sucesso e o lucro, que destroem as consciências apegadas a valores retrógrados, atrasados, que só dificultam a vida daqueles que querem vencer, fazendo-os sofrer sem motivo”. ‘Somos então como goiabas bichadas’. “Isso mesmo: goiabas bichadas”.

## 11 - Café com ingleses

Meu nome é Lucas, tenho 28 anos e sou escritor. Vivo de criar e solucionar enigmas, que são publicados em revistas e sites especializados no mundo inteiro. Trabalho em casa ou em qualquer outro lugar, desde que haja por perto uma boa máquina de café expresso – como a que eu tenho na minha cozinha: uma obra-prima italiana que, se honrada com os grãos que ela merece, faz um café maravilhoso, com espuma espessa e aroma intenso [que entra pelo nariz e atinge a alma em menos de dois segundos; e a alma, em júbilo, agradece, pressentindo, através de suas conexões mágicas com os sentidos do corpo, o equilíbrio perfeito entre o ácido e o amargo, entre a vontade de alçar vôo até as portas do Céu e a de ficar naquele corpo que, embora em putrefação, desfruta, todos os dias, aquele líquido misterioso e demoníaco].

Não tenho emprego com carteira assinada e, como eu disse, não preciso bater ponto em lugar nenhum, louvado seja!

Trabalhei uma vez numa empresa que me prendia num cubículo de dois metros quadrados por mais de oito horas por dia, e me fazia digitar milhares de cartas e ofícios desanimadores [que os chefes só assinavam e mandavam despachar, sem nem olhar para mim]. E eu pensava: “Será que o meu futuro é um dia me sentar numa destas cadeiras de couro, dar ordens, fiscalizar, assinar papéis e ganhar dinheiro pra pagar o apartamento de luxo, o carro importado, as plásticas da esposa, as férias no *resort* e os colégios e faculdades caríssimos dos filhos?”.

Um dia eu tive a certeza: não era aquilo que eu queria para mim. Por isso, depois de dois anos sendo explorado e humilhado por aqueles magnatas do carreirismo [que só pensavam em competitividade e estratégias disto e daquilo], resolvi pedir demissão e viajar pelo interior, para pensar um pouco sobre o que fazer da vida.

Eu era fascinado por histórias de detetive. Quando entrei no ônibus para Diamantina, numa fria manhã de julho, na mochila eu levava oito livros dos grandes mestres do romance de enigma, todos em inglês, língua que eu dominava desde pequeno, porque meus pais, embora pobres, sempre se preocuparam com a minha educação. E assim que eu arrumei o meu primeiro emprego, matriculei-me também em um bom curso de francês, o que me deu acesso a um outro universo cultural, sobretudo no campo da literatura e do

cinema. E sozinho em casa, com a ajuda de apostilas e dicionários, aprendi também o espanhol, porque eu queria ler Marsé, Rulfo e Vázquez Montalbán no original [E como é bom ler os grandes mestres no original!].

No dia seguinte, sentado na mesa de um restaurante, com vista para o belo centro histórico de Diamantina, escrevi, em inglês, o meu primeiro conto que seria publicado e me renderia algum dinheiro [nada espetacular: somente alguns dólares, que me permitiram comprar os últimos lançamentos internacionais e me inscrever num clube inglês para escritores iniciantes].

Quando eu trabalhava na firma de advogados, trancafiado lá dentro como numa jaula, minha criatividade recebia poucos estímulos. O que eu escrevia todos os dias, nas intermináveis horas de expediente, era uma simples reprodução de modelos padronizados, restando pouco tempo para o que eu realmente gostava: ler, criar e escrever histórias de mistério. À noite, quando eu chegava em casa, ia direto para o computador, onde quase sempre encontrava um conto pela metade, e escrevia até de madrugada. Outras noites eu me dedicava à leitura ou ao estudo do inglês, francês ou espanhol, sem saber aonde aquilo me levaria. Uma vez cheguei até a pensar que escrever contos de mistério e estudar línguas estrangeiras era uma grande bobagem. Acabei me matriculando numa faculdade de Direito, onde estudei por quase um ano, à noite, ficando esse tempo todo sem fazer o que realmente me elevava o espírito. Perdi a capacidade de inventar, de criar, tornando-me um robô, um técnico das leis, pois nessa faculdade o ensino era péssimo, exigindo dos alunos tão somente a simples reprodução mecânica de informações: um desperdício da inteligência humana.

Desisti da faculdade no dia em que fui punido por interpretar um dispositivo legal de forma contrária à interpretação do professor. Aquilo para mim foi demais. Na noite seguinte eu já estava de novo às voltas com meus livros, lendo e escrevendo.

Mas voltemos a Diamantina. Ali estava eu, sem trabalho, só com o dinheiro do meu acerto e das poucas economias que eu havia feito durante três ou quatro anos de sofrimento. Naquela mesa afastada do restaurante, de frente para uma janela de vidro que se abria para um belo conjunto de sobrados do século XVIII, escrevi um conto assustador, sobre um livro misterioso que levava à morte a maioria dos seus leitores [fora isso, nada a ver com “O Nome da Rosa”].

No dia seguinte, enviei o conto a um famoso site inglês, o *mystery.com*, que o aceitou sem nenhuma ressalva. Recebi a notícia em casa, por e-mail, algumas semanas depois, no sábado à noite. Minha alegria foi tanta que resolvi abrir um vinho tinto francês [que me havia custado uma pequena fortuna], guardado a sete chaves para o dia da minha aposentadoria. Não resisti. Liguei a tv no programa *Bouillon de Culture*, tirei a roupa e passei duas horas no sofá, feliz da vida, assistindo a uma entrevista com a escritora Amélie Nothomb, enquanto baixava o vinho e comia queijo e amendoim.

Naquela mesma semana recebi um e-mail de um agente recrutador do *mystery.com*, um inglês que morava no Brasil, me convidando para visitá-lo no seu apartamento. Fui sem pensar duas vezes. Cheguei e encontrei a porta aberta, com um bilhete me autorizando a entrar. Entrei e chamei. Nenhuma resposta.

O apartamento parecia ser enorme. Era mobiliado e decorado como se fosse uma mansão inglesa do século XIX, no melhor estilo vitoriano: móveis pesados, de jacarandá ou mogno, com detalhes de madrepérola; paredes cobertas de quadros retratando belas paisagens do campo inglês; numerosos candelabros, luminárias e enfeites que lembravam o Oriente na época do Império; e num canto da sala, sobre um móvel que devia ter mais de trezentos anos, várias peças do que me pareceu ser a legítima cerâmica chinesa da Dinastia Song.

Porém, não tive tempo de testar meus conhecimentos de História da Arte. Ouvi um grito assustador vindo do interior do apartamento e corri para ver o que tinha acontecido. Ao empurrar a porta do primeiro quarto, de onde eu supus ter vindo o grito, deparei-me com uma cena horripilante: um jovem loiro deitado na cama, tremendo, com as mãos no pescoço, na altura da garganta, de onde saía, num jorro contínuo, uma quantidade absurda de sangue. Ele me olhava e gorgolejava, como se dissesse “Cuidado”. Foi quando me virei e vi uma velha de camisola, segurando uma faca de açougueiro, vindo em minha direção. Gritei, desesperado, e corri em direção à janela, esquecendo-me de que estávamos no décimo andar. Foi aí que ouvi as gargalhadas. O rapaz loiro estava de pé na cama, e a velha tinha se transformado num outro rapaz, talvez um pouco mais velho que o primeiro, e ambos riam, sem parar.

Não gostei da brincadeira, mas relevei. O rapaz loiro se chamava Nicolas, e o outro, seu namorado, era Alec, dois ingleses endinheirados que trabalhavam para o site *mystery.com* no Brasil.

Recebi deles um convite para integrar a equipe brasileira de escritores de mistério do *mystery.com* [que, além de site, era também editora e promovia uma série de festivais e eventos relacionados à literatura de enigma no mundo todo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, onde as pessoas lêem muito mais do que na América Latina]. “Seu conto ‘Labaredas na Escuridão’ foi muito bem recebido pelos fãs”, disse-me Nicolas, “e por isso o site quer fazer um teste com você”.

Estávamos sentados num dos enormes sofás da sala de estar, cercados por obras de arte que deviam valer uma fortuna. Alec tinha ido preparar um café e se demorava na cozinha. Nicolas me perguntava sobre a minha vida. Quis saber se eu fazia outra coisa além de escrever, e eu disse que não, que eu havia pedido demissão de um emprego que me mantinha em baixíssimo nível de ideias – como numa linha de montagem –, e que agora eu queria me dedicar em tempo integral à literatura. Nicolas gostou muito do que ouviu e me disse que, se eu passasse no teste, eles me pagariam três mil dólares por mês, para eu escrever um conto por semana.

“E qual é o teste?”, perguntei animado.

Quando Nicolas ia começar a me responder, Alec entrou na sala trazendo uma bandeja com três xícaras de café. Ao beber o primeiro gole, perguntei: “O que é isso?”. Os dois amigos sorriram um para o outro e Alec respondeu: “Um café expresso. O que mais poderia ser?”. E eu olhava para o café, para aquela espuma dourada que se prendia na borda interna da xícara, consciente da pergunta idiota que eu acabara de fazer [pois eu sabia que se tratava de um café expresso], mas ao mesmo tempo enfeitiçado pela novidade daquele sabor e daquele aroma, que me evocavam recordações de vidas passadas [que eu não me lembrava ter vivido], além de me aguçarem a lucidez e a criatividade de uma forma inteiramente nova e inesperada. Nicolas interrompeu meus pensamentos dizendo que talvez o que eu queria saber era que tipo de café expresso era aquele. Eu balancei a cabeça em sinal de afirmação e sorvi, lentamente, mais um pouco da bebida, maravilhado com as sensações que ela me provocava. A resposta não podia ser mais clara: “Esse café é feito com os melhores grãos que existem no mundo, numa máquina que, na minha opinião, também é a melhor do mundo”, disse Nicolas.

Mas voltemos ao teste.

Terminado o café, Nicolas me explicou que, para ingressar na equipe de escritores do *mystery.com*, eu teria que transformar aquele meu conto “Labaredas na Escuridão” em um romance de 200 páginas [escrito em inglês], em um prazo de quatro meses. Eu poderia ficar no apartamento da frente, que também era deles, “e”, acrescentou Nicolas sorrindo, “você terá direito a quantos cafés quiser, pois o apartamento destinado a você está equipado com a mesma máquina que acaba de fazer esta maravilha aqui”.

Fiquei sem palavras.

Os dois jovens me encaravam com olhos cheios de mistério e ironia.

“O que me diz?”, perguntou Nicolas.

## 12 - Labaredas na Escuridão

A casa ficava numa rua estreita e escura do centro histórico da cidade. Ali, num passado recente, àquela hora da noite, bêbados e mendigos dividiam as calçadas com prostitutas desesperadas, que ofereciam seus corpos a qualquer um que passasse, muitas vezes em troca de um pão bolorento ou de um prato de sopa. Naquela noite, porém, ao caminhar pelo passeio à procura do endereço que eu trazia rabiscado num pedaço de papel, só vi sacos de lixo rasgados por cães famintos, garrafas quebradas e um gambá morto em avançado estado de putrefação. O resto era silêncio e sombras. Na mochila eu levava um caderno de anotações, uma garrafa de água e três folhas soltas de um livro há muito desaparecido.

A casa tinha dois andares e parecia abandonada: vidraças quebradas, pichações, pintura descascada e mofo nas paredes davam a impressão de que ali eu só encontraria ratos, baratas e morcegos [e talvez alguns fantasmas]. Mas o professor Fábio tinha me garantido que o ex-vereador Alípio e seu filho ainda viviam na casa, e que o livro que eu procurava, se existisse, provavelmente estaria na biblioteca.

Na entrada, acima da enorme porta de madeira maciça, esculpido em pedra sabão e já quase completamente tomado pelo mofo, o ano 1813. Bati três vezes. Pela fresta vi que uma luz mortiça, quase imperceptível, iluminou o interior. Logo em seguida, um grito raivoso ecoou como um trovão pela casa até os meus ouvidos: “Quem está aí?”. A voz não parecia ser a de alguém com quase noventa anos, por isso deduzi que fosse do filho. Respondi: “Sou amigo do professor Fábio, que trabalhou com o senhor na faculdade”. Silêncio. O homem devia estar decidindo o que fazer [ou simplesmente amaldiçoando a vida por ter lhe trazido uma visita indesejada àquela hora, obrigando-o a interromper sua insônia em meio aos livros, enquanto o pai talvez dormisse o sono artificial dos doentes terminais, dopado com morfina e tranquilizantes].

A porta se abriu pela metade e o homem que me encarou com um olhar suspeito, pouco convidativo, não devia ter mais que 50 anos. Era alto, magro, grisalho, com o cabelo cortado bem curto. Vestia uma camisa branca de algodão e uma calça social bastante surrada. “O que você quer?”, ele perguntou. Sem dizer uma palavra, abri minha mochila e tirei uma folha do livro que eu procurava. Ele a pegou, olhou-a atentamente e sorriu. “Você só tem isto?”. Tirei as outras duas folhas da mochila e respondi: “Só isto”. Ele não quis pegá-las. Abriu a porta e me convidou para entrar.

O interior da casa não tinha nada a ver com o exterior. O que do lado de fora parecia desleixo e abandono, no interior se transformava em aconchego, limpeza e simplicidade.

Ele me indicou um sofá na sala e foi à cozinha preparar um café.

O que eu sabia sobre o ex-vereador Alípio era só o que minha mãe tinha me contado uma vez, aos sussurros, na mesa de jantar, enquanto baixávamos uma garrafa de vinho tinto e meu pai roncava alto no quarto, com a televisão ligada.

Ela me disse que no início da década de 1960 ele era um vereador combativo, articulado em seus discursos, e que foi muito perseguido por apoiar o presidente João Goulart na cidade, onde a maioria das pessoas era radicalmente contra a reforma agrária, por razões óbvias.

Defendida pelo presidente Goulart em seus discursos inflamados na capital do país, a reforma da estrutura fundiária nacional era também um tema recorrente nos pronunciamentos do vereador Alípio durante as sessões da câmara municipal. Por isso [e também por ser contrário à perpetuação de duas importantes famílias no poder local, com toda a sua corja de parasitas sugando o dinheiro público sem trabalhar] ele foi violentamente perseguido: recebia ameaças de morte todos os dias; pedras eram arremessadas nas vidraças da sua casa, onde também muros e paredes eram pichados com palavrões e boatos envolvendo sua esposa e seu filho [diziam que ele espancava o menino e a mulher sem piedade e que praticava rituais de magia negra]; todos os sábados, o vigário local organizava passeatas anticomunistas pelas ruas da cidade, durante as quais a população gritava sem parar, com os punhos erguidos: “Fora Alípio comunista!”, “Fora Alípio comunista!”...

Os meios de comunicação locais, que pertenciam às duas famílias mais ricas da cidade [que se revezavam no poder], não deixavam passar um mínimo deslize do vereador, que era apresentado ao público como um político despreparado, incompetente e louco.

O golpe militar de 1964 encerrou sua carreira definitivamente. Alípio se recolheu, com a esposa e o filho, à velha casa da família [construída no início do século XIX], passando a viver unicamente da sua aposentadoria e do que a mulher ganhava como costureira.

Nem para ir ao enterro da esposa, alguns anos depois, ele saiu de casa. Vivia recluso, juntamente com o filho, em meio a livros e jornais que ele recebia do mundo inteiro.

“Meu pai era muito amigo do autor deste livro”, disse o filho do ex-vereador ao me entregar uma xícara de café bem forte e se sentar no sofá à minha frente. “Na verdade, quem o escreveu não foi o advogado criminalista que tem seu nome publicado na capa como sendo o autor do texto [e de quem meu pai era amigo]. Foi um jovem estudante de jornalismo, muito talentoso, que foi contratado pelo advogado para escrever o livro”.

Até ali, nada de novo para mim. Eu sabia também que o contrato firmado entre os dois obrigava o jovem escritor fantasma a distribuir um exemplar do livro a todas as pessoas que fossem ao velório do advogado e a queimar os exemplares restantes. Ao que tudo indica, foi exatamente isso que ele fez.

O livro causou uma onda de choque muito grande. No próprio velório, vários exemplares foram rasgados na frente da viúva e de suas três filhas, inclusive o que tinha sido entregue ao meu pai, que chegou a gritar um palavrão antes de abandonar o salão, com lágrimas nos olhos. Quem me contou isso foi minha mãe. Ela estava lá e viu como as pessoas reagiam à leitura do texto: algumas choravam pelos cantos; outras gritavam insultos, com os olhos em chamas, apontando para o caixão; o próprio padre, ao ler algumas passagens do livro, deixou-o cair aos pés do enorme crucifixo que dominava uma parte da cena e saiu do velório em silêncio, sem nem encomendar o corpo. Minha mãe só observava, e ao ser arrastada pelo meu pai em direção ao estacionamento, trazia dentro da bolsa o seu exemplar, com a intenção de lê-lo mais tarde.

“Você sabe me dizer por que ninguém hoje reconhece ter um exemplar ou uma cópia do livro, ou ousa falar sobre o que ele continha?”, perguntei ao homem à minha frente. Ele sorriu. “Pelo visto você já conhece muita coisa sobre a história desse livro e está curioso quanto ao seu conteúdo, não é?”. Diante dessa pergunta eu apenas fiz um sinal afirmativo com a cabeça. Ele me entregou a folha que eu tinha lhe mostrado na entrada e perguntou: “A pessoa de que trata esse fragmento é o seu pai?”. Mais uma vez fiz que sim com a cabeça.

Minha mãe leu o livro no mesmo dia do enterro, trancada no banheiro. Chorou muito, e, depois, tomada de uma emoção confusa, que ia do ódio à compaixão, arrancou as três únicas folhas que se referiam ao meu pai e à família dele,

dobrou-as cuidadosamente e guardou-as na biblioteca, dentro de um livro que ficava numa prateleira bem alta, de difícil acesso: *O emblema vermelho da coragem*, de Stephen Crane. Em seguida ela foi ao quintal e queimou o livro do advogado na churrasqueira. Meu pai a olhava do andar de cima, com o rosto pálido e cansado, como se dez anos tivessem se passado naquele único dia. Seus olhares se cruzaram e ele se afastou em silêncio [um silêncio que dura até hoje].

Tudo isso ela me contou depois, numa outra rodada de vinho pela madrugada, após eu ter lhe mostrado as três folhas que eu tinha encontrado dentro da obra de Crane.

“Meu pai também esteve no velório..., como você já deve saber...”, disse o filho do ex-vereador, saboreando seu café.

Eu sabia.

Naquele dia, o ex-vereador Alípio abandonou sua clausura e foi se despedir do velho amigo. Ao chegar, recebeu das mãos do jovem escritor um exemplar do misterioso livro de memórias, que ele folheou com prazer. Algumas pessoas já tinham lido um ou outro trecho e se retirado; outros continuavam ali, parados, tomados pelo espanto, segurando seus exemplares abertos em alguma página específica. Ninguém nem percebeu que a chegada do ex-vereador era por si só um fato inusitado, surreal, depois de tantos anos que ele tinha permanecido fechado em sua casa, quase sem nenhum contato com o mundo exterior, a não ser através de livros e jornais.

Mas a indiferença durou só até ele começar a gargalhar, com seu livro aberto junto ao peito, atraindo para si todos os olhares [assustados, ferozes, indignados]. Seu riso estrondoso era uma afronta não só à viúva e suas filhas, mas aos presentes em geral, feridos e humilhados pelas palavras impressas naquele livrinho que, até hoje, muitos anos depois, nesta sala sombria onde escrevo este relato, me dá calafrios na espinha.

Estou olhando para ele agora...

Na capa marrom desbotada, o título em letras douradas se destaca, expressando, a meu ver, uma dor infinita: *Labaredas na Escuridão*.

### 13 - Na voz de Amália

A jovem namorada, cansada do tédio de uma relação que, para ela, já tinha ido longe demais, terminou com ele no dia 29 de dezembro, já com as malas prontas para um fim semana na praia com as amigas. Era para ter sido antes, mas ela não conseguia falar, com medo de prejudicar o tratamento que ele seguia contra a depressão [com remédios fortíssimos], desde que tentara se matar cortando os pulsos na banheira da sua casa, numa manhã chuvosa de segunda-feira. Foi encontrado pela faxineira, inconsciente, mergulhado na água quente e completamente tomada pelo vermelho intenso que brotava de seus pulsos abertos. Foi levado às pressas pelo caseiro ao hospital, onde se recuperou, preso a tubos e aparelhos, após uma longa transfusão de sangue. Ela tinha medo de que o término do namoro fosse mergulhá-lo de novo numa espiral de melancolia profunda que o levasse, mais tarde, a uma nova tentativa de suicídio, talvez bem sucedida. Preferiu ir adiando a conversa até não ter mais jeito.

Foi então que, com a consciência pesada pelas inúmeras traições e pressionada pelas amigas, ela decidiu terminar o namoro de uma vez por todas numa quinta-feira à tarde, quatro dias depois do Natal, enquanto tomavam café numa lanchonete do centro histórico da cidade.

Ele era funcionário de uma siderúrgica, onde trabalhava no setor contábil, e morava sozinho numa bela casa de madeira e vidro, no alto de um morro, cercada por uma floresta exuberante e assustadora. A casa era herança dos pais, falecidos em um acidente de avião quando voltavam de Portugal, onde tinham ido visitar alguns parentes. Era jovem, com dupla cidadania, mas nunca tinha saído daquela cidade, embora conhecesse muito sobre o mundo e o ser humano através dos livros, que lia com voracidade e prazer. Era dono de uma biblioteca que, além de relíquias religiosas e místicas, que iam do espiritismo ao candomblé, passando por práticas mágicas indígenas [herança da mãe], possuía uma enorme variedade de clássicos, entre contos, romances e tratados filosóficos, em várias línguas [que ele dominava fluentemente, graças a uma educação de alto nível, recebida em um colégio de padres franceses].

Na primeira vez que visitou a sua casa, a jovem namorada, que nunca tinha lido um livro na vida, ficou espantada com a biblioteca e, ao mesmo tempo, desconfiada, diante da cultura do namorado, que aquela relação dificilmente daria certo. Ela era linda, tinha a pele clara, os olhos azuis; trabalhava como vendedora em uma boutique, só gostava de música sertaneja e tinha como

bagagem de leitura apenas o que seus amigos escreviam no Orkut e no Facebook.

Ele não tinha amigos. Era de pouca conversa, não gostava de sair, e sempre que um colega de espírito mais generoso se aproximava dele, era como se um campo de forças os separasse. O namoro com a bela vendedora exigia dele um esforço quase sobre-humano, pois ele tinha que sair de casa, ir a barzinhos, ouvir música sertaneja, conversar trivialidades e, o pior, aguentar os amigos dela em intermináveis churrascos regados a cerveja nos finais de semana. Ele simplesmente não tinha assunto nessas festas, pois não entendia nada de futebol e carros, e detestava ficar na beira da piscina bebendo e comendo, enquanto o álcool ia subindo às cabeças daqueles jovens, tornando-os ainda mais insuportáveis [eles gritavam, dançavam e posavam para fotos com as latinhas de cerveja nas mãos, levantando-as em direção ao céu, às gargalhadas]. O que ele sentia não era preconceito, pois admirava a alegria e a espontaneidade daquelas pessoas, às vezes até com um pouco de inveja. No fundo, o que ele experimentava era uma sensação de inadequação, um estranhamento que beirava a angústia e, às vezes, o desespero.

Foi em meio a uma crise assim, numa segunda-feira chuvosa, depois de um longo churrasco no domingo [e com meia garrafa de vinho tinto na corrente sanguínea], que ele tentou se matar, após ligar para a namorada dizendo que a amava e que não queria perdê-la de jeito nenhum. Ela gostava dele, do seu jeito doce e olhar perdido, mas se incomodava de vê-lo fazer tanta coisa só para agradá-la, pois sabia que ele detestava sair, ouvir música sertaneja e estar com os amigos dela. O tempo que ele tinha para ler e assistir a filmes de arte, saboreando bons vinhos europeus, ele passava com ela, fazendo o que mais odiava [exceto sexo, que ambos adoravam, mas que, nos últimos tempos, vinha perdendo a energia dos primeiros meses]. Ela, por sua vez, não abria mão do que gostava. Detestava vinho, queijo gorgonzola, filmes franceses, música clássica e não tinha nada para conversar sobre livros, pois na vida só tinha lido um [e, mesmo assim, sem concluí-lo]: “A Ilha Perdida”, de Maria José Dupré.

Não dava para continuar.

O rompimento foi frio, rápido; ela nem quis terminar o suco. Uma praia ensolarada, homens sarados e muita cerveja a esperavam. Ele ficou ali, quieto, saboreando um café com conhaque e pensando na vida que lhe escapava, no tempo que não voltava mais. Trabalhava oito horas por dia numa empresa e

numa função que não tinham nada a ver com ele, e, nos últimos dois anos, tinha amado uma mulher que o fazia deixar de lado o que ele mais gostava: livros, filmes e, o mais importante: o sonho de ser escritor.

Levantou-se da mesa com a certeza de que a morte não era a melhor saída, que a vida podia ser diferente, bastava ele querer.

A caminho de casa, ligou o rádio numa estação qualquer, enquanto observava pelo pára-brisa do carro uma tempestade que se formava sobre a cidade. A música, um fado muito bonito na voz de Amália Rodrigues, fez com que ele pensasse no país de seus avós, na cidade onde nascera sua mãe e para onde seu pai se exilara, nos anos 80, para fugir da família e dos falsos amigos que o sufocavam no Brasil.

Lisboa. Sempre quis conhecer a velha Lisboa, suas ruas e colinas cheias de história e encanto, seus fados, seus cheiros, suas texturas e cores...

Por que não?

Naquele mesmo dia colocou a casa à venda, pediu demissão do emprego e comprou uma passagem só de ida para Portugal. Levou consigo apenas algumas roupas, três manuscritos esquecidos no fundo de uma gaveta, contendo vinte pequenos contos de terror [que ele escreveu quando tinha 18 anos], e o desejo ardente de fazer a vida valer a pena.

Em Lisboa, alugou um quarto numa pensão barata, próximo à estação de metrô Saldanha, na Avenida Almirante Reis. Comprou um notebook e se pôs a escrever, reservando uma parte do dia para ler e a outra para procurar emprego em algum jornal como cronista, revisor ou tradutor.

Alguns meses depois, suas histórias de terror começaram a ser publicadas em revistas e jornais de Lisboa, Porto e Coimbra, mas ele recebia muito pouco por elas. Foi quando um conhecido da pensão, que havia sido livreiro em Paris por mais de trinta anos, lhe deu os endereços de algumas editoras e revistas em Londres, que eram especializadas em histórias de terror e que, segundo ele, pagariam muito mais pelos seus contos. “Seus textos são muito bons, não devem ficar restritos aos jornais portugueses”. O jovem escritor achou a ideia interessante e começou a escrever em inglês, língua que dominava desde a infância [aos 9 anos, quase sem consultar o dicionário, leu todos os contos do

monumental *Grimms' Fairy Tales* – de onde talvez tenha surgido a sua paixão por bruxas e monstros].

Suas histórias foram muito bem aceitas pelo público inglês, e como eram escritas numa língua universal, correram o mundo com uma velocidade espantosa, causando enorme sensação entre o público e a crítica especializada.

Um ano depois de chegar a Lisboa, uma coletânea de seus contos já tinha sido publicada por uma importante editora inglesa [que vendia milhões de cópias do livro nos quatro cantos do mundo] e sua primeira novela de terror já estava no prelo, sendo aguardada com ansiedade por um público ávido por tramas inteligentes, mistério e muito sangue.

Porém, ele continuou no anonimato, vivendo na mesma pensão da Avenida Almirante Reis, tomando o café da manhã na mesma pastelaria da esquina [onde pedia sempre uma tosta mista com café Sical], almoçando no restaurante da Biblioteca Nacional e jantando um sanduíche de fiambre na Casa das Sandes. Publicava seus textos sob o pseudônimo de Daniel Zafón, e fazia questão de não aparecer [ele até recusou uma entrevista no programa da Oprah Winfrey, que tinha lido um comentário elogioso sobre sua coletânea de contos, feito por ninguém menos que Stephen King, o mestre do macabro].

Num sábado de primavera, passeando pelas livrarias do Chiado, ele conheceu a mulher que em menos de seis meses se tornaria sua esposa, e com quem voltaria para o Brasil, vivendo ao seu lado, muito feliz, por mais de sessenta anos. Ela era angolana e trabalhava como bancária. Não gostava muito de livros nem de filmes, nem trocava uma cerveja por um vinho, mas era generosa, e soube, naquele momento, que ali estava o homem da sua vida e que, por ele, seria capaz de abrir mão de muitas coisas; assim como soube, também, que aquele jovem encantador e de olhar triste era muito humilde e bondoso, com uma enorme capacidade para amar e compartilhar a vida com ela, também abrindo mão de muitos de seus prazeres para satisfazê-la.

Foi assim que se conheceram, num café da Rua Garret, próximo à Praça Luiz de Camões, em Lisboa, onde conversaram por mais de duas horas, ouvindo, ao fundo, os mais belos fados portugueses, na inesquecível voz de Amália.

## 14 - Muito esquisito

A vizinhança não gostava dele. Achava-o muito esquisito. Era um jovem calado, de olhar triste, que andava pelas ruas do bairro quase sempre de mãos dadas com a filha de seis anos [uma cópia em miniatura do pai, de quem herdara, além dos traços tristes e o olhar perdido, a timidez e o medo das pessoas].

A esposa era uma professora primária. Ele, um escritor. Mas ninguém conhecia seus livros – o que não era estranho naquela cidade, onde ler, para a maioria dos habitantes, era considerado uma perda de tempo. Porém, mesmo se houvesse ali uma cultura literária mais refinada, que não se limitasse apenas à leitura esporádica de alguns livros de auto-ajuda, ninguém seria capaz de descobrir as obras daquele misterioso escritor. Alguns vizinhos chegaram até a vasculhar a sua caixa de correio, descobriram seu nome completo e pesquisaram na internet, mas não encontraram nada sobre a sua ocupação.

O que ninguém desconfiava era que aquele jovem desagradável havia se tornado, nos últimos anos, um famoso escritor de livros de terror, que ele publicava em vários países com o pseudônimo de Daniel Zafón. Escrevia originalmente em inglês, mas havia traduções de seus trabalhos em quase todas as línguas do mundo, inclusive em português. Ganhava rios de dinheiro [algo raro entre escritores], mas vivia modestamente, numa pequena casa alugada, em um bairro tranquilo de classe média. Tinha um carro popular bem conservado, que só saía da garagem nos finais de semana, quando ia com a mulher e a filha passear pelos pequenos vilarejos das redondezas, para pescar, acampar e curtir a natureza. Doava grande parte da sua renda para instituições de caridade, que cuidavam de crianças e idosos, mas investia também em livros, sobretudo em histórias de terror [a maioria importada da Europa], e na educação da filha, que, se quisesse, quando completasse 18 anos, poderia estudar em qualquer universidade do mundo.

Na casa ao lado vivia um casal de aposentados e seu filho solteiro. O rapaz tinha a mesma idade do escritor, 32 anos, mas não podia ser mais diferente. A começar pelo tamanho. Enquanto o escritor era magro, pequeno e de aspecto doentio, o vizinho era um armário de músculos, conquistados e mantidos com várias horas de academia por semana e, para minimizar os esforços e o tempo nos aparelhos, com algumas injeções de hormônio bovino, aplicadas, regularmente, por um amigo veterinário. Trabalhava como entregador de móveis numa loja e vendia cigarros de maconha de vez em quando; ganhava

uma miséria, mas tinha um carro importado e um guarda-roupa entupido de marcas famosas e caras. Seu dinheiro era todo queimado em malhação, injeções, roupas, tênis, parcelas do carro financiado, mulheres e, é claro, nas latinhas de cerveja dos finais de semana. O resto da despesa era pago pelos pais, que o tratavam como uma criancinha mimada, aceitando seus caprichos e violências como algo normal: “Coisas de homem” – costumava dizer a mãe, sempre que recebia um soco ou um pontapé do filhinho querido.

Todas as tardes, quando chegava do trabalho, o *Bad Boy* colocava uma camiseta que valorizasse bem seus músculos tatuados, uma bermuda e um tênis, e ia passear na avenida com Stálin, seu cão *Pit Bull*, o terror da vizinhança. O animal era quase uma miniatura do dono, cheio de músculos, com dentes enormes, e andava pelos passeios sem focinheira, latindo para todo mundo.

Quando o escritor e sua filha voltavam da escola, quase sempre se encontravam com o cão e seu dono a caminho do desfile exibicionista na avenida. Pai e filha mudavam de passeio, mas mesmo assim o animal latia ferozmente para eles, enquanto o dono, embora segurasse firme a guia, fazia movimentos com o braço como se ameaçasse soltar o animal [e um leve sorriso de desprezo se desenhava em seus lábios]. A menina tremia de medo, mas o pai não dizia nada. Segurava-a firme em seus braços e seguia seu caminho sem olhar para trás.

Numa sexta-feira à tarde, a cena se repetiu; só que no momento em que o rapaz sorria e ameaçava soltar o cão no escritor e sua filha, uma dor muito forte no seu braço fez com que ele largasse a guia. Sentindo-se livre, Stálin avançou sobre a menina, sedento de sangue.

Tudo aconteceu em apenas alguns segundos, mas vou descrever a cena em câmera lenta, de forma que o leitor possa aproveitar melhor os detalhes.

Como eu dizia, Stálin avançou sobre a pobre criança com a rapidez de um touro que, enlouquecido, salta de seu cubículo em direção ao matador no meio da arena. Seu alvo era o frágil pescoço da menina, que ele queria morder com toda a sua força e estraçalhá-lo, até transformá-lo numa pasta de carne, pele e cartilagem moídas.

Enquanto corria, contraindo seus músculos num tiro de alta potência, Stálin mantinha seus olhos focados naquele pescoço que, por instinto, ele sabia ser o ponto vital da sua presa.

A menina fechou os olhos, aterrorizada.

Felizmente, ela não sentiu nenhuma dor.

Ao abrir os olhos novamente, segundos depois, num movimento involuntário das pálpebras, tudo já tinha acabado.

Dois corpos jaziam sobre o passeio: o do cão e o do dono do cão.

Como eu disse há pouco, tudo aconteceu em questão de segundos. O cão enraivecido saltou como um touro sobre a menina, mas antes de conseguir fechar sua poderosa mandíbula em torno do seu alvo, duas mãos a seguraram no ar com a rapidez de um relâmpago e ergueram o animal, que se debatia ferozmente, sem conseguir se soltar. As mãos daquele pai franzino abriram a mandíbula de Stálin até seus ossos e cartilagens se quebrarem, transformando a cabeça do animal numa planta carnívora gigante, com suas pétalas cor de sangue escancaradas, esperando a chegada de um besouro ou de um pássaro. Um som borbulhante, como um gargarejo, saía do buraco onde antes estava a boca do animal, cujos membros continuavam se debatendo violentamente no ar. Foi quando o escritor começou a morder a barriga de Stálin, puxando para fora, com os dentes, fígado, rins, estômago, tripas e outras vísceras. Em seguida [quase ao mesmo tempo], abriu o peito do animal e arrancou com as mãos coração e pulmões, puxando também traquéia, esôfago, língua e outras partes difíceis de identificar.

Os restos mortais de Stálin, espalhados pelo passeio, foram então pisoteados pelo escritor, que, sujo de sangue dos pés à cabeça, mais parecia um personagem possuído pelo demônio em uma de suas histórias macabras.

Logo à frente, o dono do cão morria de enfarte assistindo à cena.

A menina nada sofreu.

O escritor também nada sofreu.

Mas a vizinhança continuou não gostando dele...

Realmente, ele era muito esquisito.

## 15 - O soar da Trombeta

A sessão da Câmara que votaria o aumento salarial dos deputados já estava quase lotada. Enfiados em seus ternos caros e engomados, os representantes do povo desfilavam pelos corredores do Congresso, acompanhados de seus assessores, que também esperavam ansiosos o resultado da votação, já que receberiam, com o aumento de seus chefes, um rechonchudo quinhão.

Ao final da sessão, marcada por aplausos efusivos e nenhuma voz discordante, uma turba de deputados saiu, sorridente, pela porta principal, em direção ao estacionamento. Porém, algo muito estranho os impediu de ultrapassar o final da rampa de granito: uma força magnética poderosa [ou algo parecido], que não os deixava prosseguir seu caminho de volta à abastança, agora ainda mais farta com o novo aumento salarial.

Os outros deputados e assessores se juntaram aos primeiros e forçaram a passagem, mas nada que fizessem conseguia romper aquela barreira invisível que parecia se erguer sobre todo o prédio, formando uma imensa redoma. Tentaram outros lugares, outros pontos de fuga, mas nada.

Estavam presos.

Do lado de fora, o povo se aglomerava para tentar entender o que estava acontecendo com aqueles homens engravatados e mulheres elegantes parados no final da rampa de acesso ao estacionamento. Uma senhora idosa se aproximou de um deputado e perguntou: “Por que o senhor não sai?”. Ele não respondeu. Tentou mais uma vez dar um passo, mas não conseguiu. “Não posso”, disse ele por fim, olhando nos olhos da velha, desesperado. “Eles não podem sair”, gritou a velha para a multidão, que crescia cada vez mais em torno da redoma invisível.

A noite chegou e os deputados continuavam lá, presos. Redes de TV e rádio se instalaram ao redor do Congresso, registrando tudo. Sindicatos e movimentos sociais de todo o país organizaram caravanas de partidários e simpatizantes para irem à capital testemunhar de perto aquele fato inusitado e surreal: no dia da aprovação do substancial aumento salarial concedido pelos deputados a eles mesmos, uma força sobrenatural os impedia de sair do local da votação.

“O que você acha que vai acontecer com eles?”, perguntavam os repórteres às pessoas do lado de fora. “Eu acho que isto é um castigo de Deus, e que eles

vão ficar lá dentro até apodrecerem”, respondiam alguns mais revoltados, que aos poucos foram se juntando em torno de um líder barbudo, de aspecto desleixado.

Três semanas se passaram.

Os deputados já não se encontravam mais de terno e gravata. Andavam pelo Congresso sem camisa, alguns só de cueca, calcinha e sutiã, descalços e famintos, pois o ar condicionado tinha pifado e a comida acabado. Por mais que eles tentassem desligar ou destruir as câmeras de segurança do interior do prédio, nada as impedia de continuarem registrando todos os seus movimentos, que – por um desses milagres da tecnologia – puderam ser acompanhados em todo o país, em rede nacional. Milhões de pessoas puderam ver, por exemplo, dois deputados disputando um pacote de bolachas importadas, sob o olhar atento de um assessor, que vasculhava o chão à procura de migalhas; uma deputada gorda agredindo a tapas um colega, acusando-o de ter invadido seu gabinete à procura de chocolates e outras guloseimas; a morte de um deputado idoso, que implorava a alguém do lado de fora o seu remédio do coração que, mesmo comprado na farmácia mais próxima, não passava pelo campo de forças invisível.

Nada passava pela barreira. Parentes e amigos dos parlamentares tentaram entregar-lhes comida, bebida e água, mas a redoma jogava tudo para fora novamente, com uma força descomunal.

Seis meses se passaram.

Quinze deputados haviam morrido, dez deles devorados por outros parlamentares, que não agüentaram a fome atroz que os rasgava por dentro, causando dores lancinantes em seus estômagos vazios. Estavam sujos e fediam, pois não tinham água há vários dias. Alguns enlouqueceram: pediram perdão a Deus pelos seus pecados, prometendo que nunca mais roubariam o povo; olhavam para as câmeras de segurança e, aos prantos, imploravam misericórdia, reconhecendo que aquele salário era uma afronta à pobreza da população, uma indecência, uma injustiça sem tamanho.

Do lado de fora, o líder barbudo gritava insultos e era acompanhado por uma multidão de seguidores, que mais parecia um exército infernal pronto para o ataque. No meio do povo, um jovem negro recitava, aos gritos, trechos de antigos e quase esquecidos poemas de Vinicius de Moraes: “Senhor! Tudo é

blasfêmia e tudo é lodo. / Vós não vedes, Senhor, não vedes, todo / Esse povo a sofrer? / Deixai por um momento a Igreja Santa / A iniquidade do pecado é tanta / Que Roma vai morrer!”. A multidão se inflamava e erguia foices, facas, machados, pás e picaretas, dando mostras de querer atravessar a redoma e acabar com aquilo de uma vez por todas. “Escutai, Senhor Deus, a imensa grita / Da humanidade sofredora e aflita / Que morre no pavor! / - Dai-lhe a morte no campo de batalha / Dai-lhe sangue vermelho por mortalha / - Dai-lhe a guerra, Senhor!”.

Mas a redoma não se abriu. Não houve carnificina. O fim chegou lentamente para os deputados.

Só quatro parlamentares sobreviveram. E, por isso, o povo passou a acreditar que eles eram os únicos que realmente tinham a ficha limpa. Os quatro se uniram e organizaram um movimento político no país contra a corrupção, a favor da justiça, da dignidade e da igualdade que, pela primeira vez na história, foi um sucesso e mudou radicalmente a Política Nacional.

Foi aí que eu acordei.

## 16 - Comadre seca

De três em três meses, os três irmãos gêmeos se reuniam na casa de um sobrinho, filho de um irmão mais velho deles, já falecido. Apolinário, Aparício e Aprígio tinham 85 anos. O sobrinho, Leandro, era um analista de sistemas de 33 anos, que morava sozinho e passava o dia inteiro no computador atualizando blogs e inventando games.

No dia marcado para receber os tios, o rapaz preparava o enorme tabuleiro na mesa de jantar, colocando as peças exatamente nos mesmos lugares que tinham ficado três meses antes, após a última partida. O jogo, inventado pelo sobrinho, chamava-se “Comadre seca”, e era, para os três velhos jogadores, o maior prazer de suas vidas.

Numa ponta do tabuleiro ficavam três peças representando cada um dos três jogadores. De cada peça partia um caminho quadriculado e retilíneo, com dezenas de casas, que ia até a outra ponta do tabuleiro. Ali, três outras peças eram posicionadas, cada uma em um caminho, na mesma linha da peça que ficava do outro lado. Elas representavam três “comadres secas”: três velhas enrugadas, vestidas de preto e segurando na mão direita uma enorme foice, pontuda e afiada.

Na verdade, as peças que andavam eram as comadres, e naquele dia, a comadre que estava à frente era a do Apolinário, seguida pela do Aprígio e, por último, pela do Aparício. A comadre que chegasse primeiro à peça representando o seu jogador dava a vitória a ele.

Mas como as comadres se movimentavam?

De três em três meses, na hora marcada para a partida, cada jogador levava à casa do sobrinho uma pasta contendo vários exames. Para não cansar o leitor, vou citar apenas alguns: Hemograma, Uréia, Creatinina, TSH, Glicemia, Colesterol, Triglicérides, Densitometria óssea, Teste Ergométrico, Ecocardi Doppler [Ultrassom do coração], Exame de Próstata, Ultrassom de abdômen, Medição Ambulatorial da Pressão Arterial, Urina, Fezes e muitos outros. De posse de todos os resultados, o sobrinho ia para o computador e cadastrava as centenas de números e dados qualitativos em um sistema desenvolvido por ele, onde cada jogador tinha a sua tela, com vários campos de preenchimento. Depois de processar os dados de cada irmão, o sistema

estabelecia um número para cada um, que indicava quantas casas as comadres secas deveriam andar.

Na última partida, devido a um resultado bastante satisfatório na glicemia do Apolinário [sua glicose foi de 150 para 250], e também ao fato de terem sido detectados traços de sangue em suas fezes, sua comadre avançou três casas, enquanto a do Aprígio avançou duas e a do Aparício só uma. Aparício ficou muito chateado, pois ele tinha abandonado de vez a caminhada havia quatro meses, na esperança de que o seu colesterol atingisse níveis mais altos, o que não aconteceu. Já o Aprígio havia contado com o aumento do prolapso em uma das valvas do seu coração, anomalia que tinha um peso muito grande na contagem dos pontos, o que também não aconteceu – embora a sua urina estivesse numa situação bem favorável, com uma coloração turva e cheiro muito forte, o que acabou colocando a sua comadre em segundo lugar.

Nos três meses que Apolinário ficou na dianteira, os outros irmãos tiveram que satisfazer uma série de caprichos seus, conforme determinavam as regras do jogo: levar café na cama para ele todas as manhãs, ler para ele os contos de Edgar Allan Poe à noite, antes dele dormir [a sua visão não estava muito boa], esfregá-lo na banheira todas as tardes, preparar sua comida seguindo um rigoroso cardápio, e muitos outros. Aprígio, que havia ficado em segundo lugar, pôde escolher quais caprichos atender, ficando o resto para o Aparício.

Para o que estava na dianteira, era uma maravilha. Mas mesmo para os outros dois irmãos, esse período de desvantagem temporária era divertido, pois eles sempre tinham novas estratégias para colocar em prática visando a melhorar seus resultados na próxima partida: fumar mais, exercitar menos, aumentar a dose diária de cachaça [ou trocar a cachaça de melhor qualidade por uma mais vagabunda], aumentar o consumo de doces e gorduras, escolhendo sempre os produtos mais calóricos, etc.

Naquele dia, os dados foram preenchidos num clima de muito suspense, pois um irmão não mostrava nem comentava seus exames com os outros, e a palidez, os olhos fundos e o leve tremor observado nas mãos do Aprígio pareciam indicar que o primeiro lugar seria dele. Mas não foi o que aconteceu. A comadre seca de Apolinário avançou mais três casas e as dos outros dois somente uma. A glicose continuou pesando no destino do velho Apolinário, embora já não houvesse nenhum traço de sangue nas suas fezes. Mas surgiu uma novidade: o aumento da sua creatinina indicava algum problema grave nos rins. Apolinário sabia que este seria o seu trunfo, por isso entrou na casa

do sobrinho com aquele ar superior e arrogante, como se cantasse vitória antes da hora. E não deu outra: mais uma vez seus caprichos teriam que ser atendidos pelos irmãos.

Naquela mesma noite, porém, Aparício teve um enfarte fulminante e morreu no banheiro, enquanto preparava um banho especial com sais aromáticos para o Apolinário. Dois dias depois, Aprígio perdeu o equilíbrio no quintal, enquanto estendia as cuecas de Apolinário no varal, e bateu a cabeça numa pedra, vindo a falecer alguns minutos depois.

Apolinário foi morar com o sobrinho, que cuidou muito bem dele por três anos.

Por que três anos? O velho morreu? Não. É que dois meses depois de Apolinário completar 88 anos, o sobrinho, que tinha 37, morreu atropelado na calçada por um motorista bêbado, deixando todos os seus bens para o tio, que viveu até os 98 anos, lúcido e feliz.

Na hora da partida, a comadre entrou, silenciosa e sorrateira, no quarto de Apolinário. Quando o velho sentiu sua presença, lembrou-se de um belo poema de Mário Quintana e disse, sorrindo: “Ê comadre... a senhora sempre chega pontualmente na hora mais incerta... Mas que importa, afinal? Entre... Estou pronto”.

E partiu.

## 17 – Pode acontecer com qualquer um

A bela professora de Direito Tributário entrou na sala de aula como se estivesse na passarela de um desfile de modas em Paris ou Milão. Era sexta-feira à noite, e embora já estivesse com o atestado médico em mãos, assinado por uma prima ginecologista, ela resolvera, de última hora, abandonar o marido e os amigos no refinado restaurante francês *Le Bistrot* e ir direto para a universidade. Não que ela respeitasse a instituição: fez isso pelos alunos, que queriam muito a sua presença durante a realização do complicadíssimo exercício que ela havia preparado para aquela noite.

Quando ela pisou na sala, havia em seus intestinos 300 ml de um vinho francês da *Borgogne*, já completamente absorvidos pelo maravilhoso *Cassoulet* que ela havia comido antes de sair [*Cassoulet*: ensopado com feijão branco, salsichas e pedaços de ganso ou pato]. Ao distribuir os exercícios aos alunos, ela fez questão de referir-se a esse jantar requintado, que prosseguia sem a sua presença encantadora no restaurante mais caro da cidade, e, logicamente, à sua dedicação aos “queridos alunos”, que tinham o privilégio de contar com seus ensinamentos numa sexta-feira tão especial.

Enquanto ela desfilava pelos corredores da sala, fazendo soar no velho piso de madeira o leve toc toc dos seus belos saltos importados [e fingindo interesse pelas dúvidas dos alunos], uma enorme quantidade de bactérias atacava os carboidratos da mistura de iguarias francesas que se movimentava no interior de suas tripas. Desse processo de fermentação é perfeitamente natural que surjam gases, como o metano, o sulfeto de hidrogênio ou o dióxido de carbono. Se os componentes da mistura vêm da França, da Alemanha ou do quintal de um pequeno roceiro do interior de Minas Gerais não interessa às bactérias que produzem tais gases. E quanto mais enxofre tiver na mistura, mais fedidas serão as ventosidades produzidas, não fazendo qualquer diferença neste processo a nacionalidade das iguarias presentes nos intestinos.

Enquanto a professora dizia algumas frases decoradas em francês para impressionar os alunos, tentando imitar os sons ouvidos no filme *Piaf* ou em *Coco avant Chanel*, uma pequena bolha de gás, contendo uma quantidade considerável de sulfeto de hidrogênio [rico em enxofre], aumentava de tamanho entre as paredes do seu intestino grosso. Ela circulava em torno de um bolo fecal de aspecto uniforme e cor marrom parda [devido ao ganso presente no *Cassoulet*] que se movimentava lentamente em direção ao ânus da mulher.

A bolha aumentava de tamanho a cada minuto, e às vezes a professora sentia o seu movimento, que se não fosse o constante toc toc de seus saltos sobre o piso da sala, poderia ser ouvido até pelo aluno que estivesse mais próximo. E aos poucos, outras bolhas vinham se aproximando da bolha maior, pois no tempo em que esteve no restaurante, antes de servirem a refeição, a professora conversou muito enquanto bebia [a maior parte do tempo criticando colegas de trabalho que ela considerava inferiores], e enquanto ria e falava, uma enorme quantidade de ar entrava pela sua boca. O ar não absorvido pelo organismo ou eliminado pelos arrotos discretíssimos dados pela professora se misturou ao *Cassoulet* e ao vinho tinto e acompanhou a mistura em direção aos intestinos.

Enquanto isso, alguns ácaros iniciavam uma pequena reação alérgica nas mucosas nasais da mulher. Um leve corrimento teve início, o que fez com que ela tirasse do bolso um lenço bordado a mão por artesãos indianos, comprado na última viagem que ela havia feito com o marido à Ásia. Levou o lenço ao nariz e, discretamente, limpou um excesso de mucosidade nasal que se acumulava na narina esquerda e que estava prestes a pingar. Uma leve irritação nos olhos e uma coceira em ambas as narinas começavam a incomodá-la.

Mesmo assim, a professora continuava o seu desfile pelos corredores da sala, respondendo às questões feitas pelos alunos como se ela fosse a maior autoridade em Direito Tributário do Brasil.

De repente, uma bolha de ar que se movimentava no seu intestino grosso se juntou a uma pequena bolha de dióxido de carbono e sulfeto de hidrogênio, produzida por um grupo de bactérias famintas, o que fez surgir uma bolha muito maior. Essa bolha forçou a parede do intestino, que pressionava de um lado, enquanto o bolo fecal pressionava do outro, o que fez com que ela se deslocasse rapidamente em direção à outra bolha [a mais fedida de todas, que já se aproximava do ânus da professora]. Ao se encontrarem, as duas bolhas formaram uma bolha só, de proporções devastadoras.

Um espirro.

Em pânico, a professora respirou fundo o ar ao seu redor, com medo de que alguma coisa tivesse escapado. Nada. Nenhum cheiro desagradável. Ela tinha que sair dali o mais rápido possível.

Outro espirro, e mais um, e mais outro. A bolha estava quase lá, a mulher podia sentir, e enquanto caminhava lentamente em direção à porta, percebeu uma pressão nas paredes do seu ânus [como um inchaço interno] que só podia significar uma coisa: uma enorme quantidade de gases já tinha chegado ali e estava pronta para explodir.

Imediatamente a mulher parou. Qualquer movimento podia ser fatal. Um novo espirro seria a tragédia completa. E ali ela ficou, entre duas fileiras de alunos, quase no meio da sala, à espera de um milagre, de uma intervenção divina que fizesse desaparecer todo aquele gás acumulado bem na saída, que ela trancava com todas as forças que sua bem trabalhada musculatura glútea e anal permitia.

Enquanto isso, os ácaros não davam trégua e provocavam mais coceira no nariz da desesperada professora, que já não falava mais, apenas aguardava, em pânico, o que o destino lhe reservava.

Foi quando veio o espirro, o mais forte de todos, que vibrou a abertura anal com a rapidez de um raio: um único segundo, o tempo de uma pequena piscadela do esfíncter, mas que foi suficiente para que uma parte dos gases acumulados sob pressão escapasse com um enorme estrondo, tão alto, que a tentativa da professora de abafá-lo com o som do espirro foi em vão.

Tragédia.

Todos os alunos escutaram o som e perceberam de imediato de onde ele tinha vindo e do que se tratava. E os que estavam mais próximos da professora sentiram um cheiro tão fedido, que alguns fizeram vômito, e outros chegaram a vomitar no chão, próximo aos pés da desesperada mulher, que não sabia onde enfiar a cara. E antes que ela raciocinasse sobre o que fazer numa situação dessas, um novo espirro, e um novo estrondo, ainda mais alto e fedido que o primeiro.

O cheiro estava por toda a sala. Alguns alunos pediram licença e se retiraram. Outros foram para a janela. E a professora ficou lá, parada que nem uma estátua, com o pensamento em branco, sentindo o cheiro dos gases produzidos pelas bactérias dos seus intestinos: um cheiro de corpo, de carne, de vida e morte; um cheiro de existir, de ser e estar no mundo, vivendo, comendo e morrendo, como eu, como você, como qualquer um.

## 18 - Pedro, meu filho

Acordei pela manhã com uma estranha sensação de leveza, como se em poucas horas eu tivesse emagrecido vários quilos. Lembrava-me de ter ido para a cama por volta de onze da noite, entorpecido pelo vinho e sentindo a refeição pesar no estômago, enquanto o coração bombeava com dificuldade o sangue necessário para uma digestão que, ao que tudo indicava, transformaria meu sono em uma travessia angustiosa pelas longas horas da madrugada.

Minha mulher roncava quando eu coloquei a cabeça no travesseiro, tateando o lençol à procura do controle remoto da televisão e pensando, com tristeza, em como seria minha noite depois de tanta comida e bebida.

No entanto, dormi maravilhosamente bem.

Mas não acordei apenas com uma sensação de leveza no corpo, como se em cinco ou seis horas eu tivesse passado por uma dieta de desintoxicação e emagrecimento que normalmente só traria resultados depois de cinco ou seis meses de sacrifícios terríveis. Não. Acordei também com o espírito mais leve, como se o peso de sentimentos negativos, que até à minha entrada pacífica no misterioso território do sono eu carregava dentro de mim, tivesse desaparecido junto com o peso corporal.

Levantei-me da cama e me dirigi à sacada do quarto, cuja porta de vidro se abria para uma bela vista do bairro, sem sentir o inchaço e as dores nas juntas que me atacavam todas as manhãs; com o corpo leve, a respiração fácil, o coração sereno e calmo, e, ao mesmo tempo, sem as preocupações e angústias que, de costume, não me davam trégua desde as primeiras luzes do dia até altas horas da noite: sobretudo aquela vontade de poder, que vinha sempre acompanhada de um desejo incontrolável de acumular riquezas e me apresentar ao mundo com todos os artificialismos que exigiam minhas ambições e sonhos de grandeza.

Acordei sentindo-me livre dessas vontades – ou pelo menos não as senti consumindo minha alma com suas línguas de fogo, obrigando meu corpo a reagir contra tudo que se colocasse como obstáculo às estratégias e planos por mim traçados para alcançar o que, na minha visão, era o sucesso. Aquele dia não foi assim; embora eu sentisse os demônios do poder e da ambição me espreitando pelos cantos do quarto, dispostos a reconquistar o meu ser, ainda

não completamente livre das forças sombrias que cercam muitas de nossas vontades mundanas.

Porém, naquela manhã, nenhum peso me pareceu tão ausente de mim quanto a culpa que eu carregava há vários anos por ter sido o responsável pela desgraça que se abateu sobre o meu filho.

Sempre fui muito exigente com ele. Na escola, tirar o segundo lugar, para mim, era inaceitável. Ele tinha que ser sempre o primeiro, o melhor, o mais inteligente, o mais perspicaz, o mais invejado pelos colegas. Sempre cultivei nele o que eu acreditava ser a fórmula perfeita para o sucesso: ambição, orgulho, coragem, determinação e força, atributos que, com a dose certa de inteligência, sagacidade, dissimulação e estratégia, poderiam levá-lo aos cumes mais altos do sucesso profissional, da glória, da riqueza e do poder. E, para ajudá-lo nessa empreitada em direção aos picos do insuperável, haveria sempre o enorme patrimônio da família, acrescido cada vez mais com novas fazendas, casas, apartamentos e aluguéis.

Diante disso, certamente não deverá surpreender ao leitor a minha decepção amarga quando percebi que meu filho gostava mais de poesia e filosofia do que de matemática, química e biologia. Eu queria que ele fosse médico, um renomado cirurgião, respeitado no país inteiro e até mesmo no exterior, mas o que ele demonstrava aos quinze anos, contrariando todas as minhas expectativas, era uma paixão avassaladora pelo teatro, que ele praticava às escondidas depois das aulas, interpretando figuras grotescas, cantando e dançando como uma mocinha. E, como eu soube depois, ele gostava também de escrever poemas, que lia em recitais aos sábados, nos quais muitas vezes vestia-se de mulher, usando quase sempre uma peruca escura e uma enorme bata branca cheia de detalhes dourados.

Aquilo dilacerava minha alma, mas consegui conter minha indignação nos limites de um aconselhamento pacífico e de poucas palavras, até o dia em que, aos dezessete anos, ele entrou em meu escritório para me dizer que havia decidido prestar vestibular para Filosofia. Tentei fazê-lo mudar de idéia, dizendo que tal decisão era um completo desatino. “Você vai viver de quê, meu filho? O que faz um filósofo? Ele trabalha com o quê? Quanto ganha alguém para filosofar?”. Não adiantou. Ele me olhou nos olhos e disse que sua decisão estava tomada, e que se eu quisesse aproveitar aquela chance para agir como um pai de verdade (pelo menos uma vez na vida), que eu o apoiasse.

Eu não o apoiei. Eu o ameacei de todas as maneiras que pude: corte de mesada, expulsão de casa e outras bobagens do gênero, entremeadas com frases não menos estúpidas como: “O que os outros vão pensar?”. Ao que ele me respondeu, perguntando: “Por que você se preocupa tanto com os outros? Quem são esses outros? Por que eles precisam achar que nós somos felizes, que você se casou com a minha mãe por amor, que eu sou o melhor aluno da escola, que o meu futuro está garantido graças ao meu talento e ao patrimônio de merda que você herdou, construiu e fez crescer com a cobiça e a ambição que traz dentro de sua alma desde a infância?”.

Aquelas perguntas foram lançadas com uma fúria que eu jamais tinha visto naquele garoto meigo, que raramente se dirigia a mim, e que, quando o fazia, era só para trocar uma e outra palavra sobre uma bobagem qualquer, com o único propósito de quebrar, por um momento, o gelo glacial que cercava a nossa relação.

Imediatamente fui tomado por um ódio terrível e avancei em sua direção disposto a matá-lo se fosse preciso. Ele tentou correr, mas puxei-o pelos cabelos e joguei-o com toda a força contra a parede. Peguei-o pelo braço e levei-o até o banheiro do corredor, onde enfiei sua cabeça no vaso umas dez vezes, enquanto gritava: “É na merda que você quer viver, sua bicha? Então experimenta esta merda aqui e veja se você gosta”. E ele se debatia, tentava chamar a mãe – que já devia estar dormindo, dopada com seus remédios para depressão –, e lutava para respirar, com o rosto todo molhado com a urina que eu tinha despejado ali alguns minutos antes. Quando ele conseguiu escapar de minhas mãos, pegou a chave do carro e saiu em disparada pela avenida.

Mas, como eu dizia, ao acordar naquela manhã, não senti mais a culpa me corroendo o espírito; somente uma lembrança distante a me apertar de leve o peito e a maravilhosa sensação de que o futuro se encontrava aberto para o perdão e a consolação sem dor, sem medo e angústia.

Olhando o céu que brilhava com as primeiras luzes da manhã, senti a presença do meu filho ao meu lado na sacada, e o vi, com seu olhar perdido no horizonte, vestindo a mesma roupa que ele usava quando saiu de carro naquela fatídica noite.

“Pedro, meu filho...”, eu disse, sorrindo, e estendi a mão para tocá-lo. Em seu rosto jovial e alegre percebi, aliviado, que ele tinha me perdoado, e uma felicidade muito maior que a soma de todas as alegrias que eu tinha vivido em

toda a minha vida me invadiu naquele exato momento, tornando meu corpo e meu espírito ainda mais leves, como se eu fosse capaz de saltar e alcançar, sem o menor esforço, a plenitude dos céus.

“Pedro, meu filho... Como é possível... você... aqui?”, perguntei, com lágrimas nos olhos, mas ele não respondeu.

O acidente. Aquele terrível acidente do qual, sem dúvida, eu tinha sido o único culpado... Cheguei no local às duas da madrugada. O carro estava completamente destruído, abraçado a um poste na avenida deserta. Preso às ferragens, sem vida, estava o corpo do meu filho. Tentei abrir com as mãos a carcaça confusa de ferros retorcidos, dizendo para ele, desesperado: “Vou tirar você daí, meu filho. Não se preocupe. Vou tirar você daí e vamos começar uma vida nova. Você vai fazer o que gosta e eu vou te apoiar, não se preocupe...”. Mas já não havia mais o que fazer.

“Pedro, meu filho... Como é possível?”, perguntei de novo, enquanto a manhã ganhava vida sobre os telhados marrons das casas do bairro. Ele se virou novamente para mim e apontou para a minha cama, dizendo: “Veja”. Ao me virar, levei um susto. Ao lado de minha esposa adormecida estava o que parecia ser eu, deitado de barriga pra cima, com o rosto contorcido e as mãos crispadas: um corpo pálido e sem vida. Pedro respondeu ao meu espanto com um novo sorriso e disse: “Aquilo ali nada mais é do que o envoltório carnal que você abandonou durante a noite. Chegou o momento, para você, de se dirigir a outros planos de aperfeiçoamento espiritual e, talvez, conforme os desígnios de Deus, um dia voltar à crosta terrestre para uma nova etapa de vida junto aos homens. Recebi autorização de meus guias espirituais para vir buscá-lo e auxiliá-lo na sua nova jornada de aperfeiçoamento. Informo-lhe, ademais, que a sensação de leveza que você sente agora se intensificará ainda mais, na medida em que for deixando para trás aquilo que lhe servira de motor no plano físico e que, para nós, no plano espiritual, são pesos inúteis: o orgulho, a ambição, o egoísmo, o desejo de poder e riqueza, a prepotência, a dissimulação, a cupidez, a mentira, o ódio, a vingança...”.

Eu não conseguia dizer nada. Só o olhava, assustado, sem entender aquilo tudo, sem acreditar.

“Venha comigo, meu pai...”, disse ele, e me estendeu a mão. Agarrei-a com força, puxei meu filho para junto de mim e abracei-o, chorando e repetindo, com lágrimas nos olhos: “Pedro... meu filho... Pedro... meu filho...”.

